



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO EXTRAORDINÁRIA DE MEIO AMBIENTE E DOS DIREITOS
DOS ANIMAIS**

PRESIDENTE: XEXÉU TRIPOLI

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
DATA: 12 DE MAIO DE 2022

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens
- Problemas na exibição dos slides

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Boa tarde a todos. Declaro abertos os trabalhos da 1ª audiência pública semipresencial, de 2022, da Comissão Extraordinária Permanente de Meio Ambiente e dos Direitos dos Animais.

Informo que esta audiência está sendo transmitida pelo Portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br, no *link* Auditórios On-line, e pelo canal do YouTube desta Casa.

A pauta desta audiência pública é a análise dos impactos da utilização das sacolas plásticas, PL 760/2021.

Presentes os Vereadores Marcelo Messias e Danilo do Posto de Saúde, pelo *chat*. Os demais Vereadores da Comissão vão entrar ao longo da audiência pública.

A ideia desta audiência é realmente escutar, debater o assunto, ouvir todos os atores presentes sobre o que dispõe o projeto, a proibição do uso e fornecimento de sacolas plásticas de uso único.

Quero fazer uma breve fala, acho que todos os integrantes, os interessados leram a justificativa do PL 760/2021, o projeto das sacolinhas plásticas, mas vou tentar resumir rapidamente, para que retomemos o assunto desde onde se iniciou.

A Lei 15.374 de 18 de maio de 2011, completa 11 anos na semana que vem. Essa Lei já proibia a distribuição gratuita e venda de sacolas plásticas em todos os estabelecimentos comerciais. Em julho, de 2011, a Lei foi alvo de ação direta de inconstitucionalidade, do Sindicato da Indústria de Material Plástico do Estado de São Paulo. Em minha opinião, perdemos uns três anos para evoluir nessa questão do plástico chegando aonde chegamos hoje, tendo que propor uma nova Lei.

Em outubro de 2014, o Órgão Especial do Tribunal de Justiça, por maioria de votos, julgou a ação improcedente, a Lei então voltou a valer em todo o Município de São Paulo. Em 06 de janeiro de 2015, foi publicado o decreto regulamentando a Lei como é hoje: sacolas verdes para resíduos reciclados, sacolas cinzas para rejeitos. Ambas têm de atender uma série de especificações de cor e tamanho, inclusive, precisam de 51% de matéria prima vegetal na sua

composição.

O artigo 10, ainda diz que sacolas não reutilizáveis de dimensões inferiores as determinadas nessa resolução, não poderão ser feitas de plástico. Ou seja, a lei é completamente ignorada pela maioria do comércio, desde 2015, porque vemos algumas redes de supermercados utilizando essa sacola cinza e verde, mas a maioria do comércio usa sacolas distintas, brancas, verdes, cor de rosa, cada uma de uma cor. Esse produto já está fora da lei.

Então, vale salientar isso para quem está nos ouvindo. E é importante que as pessoas peguem o fio da meada para poderem ter sua opinião própria do que é melhor e de como é melhor conduzirmos esse processo.

No decreto, houve mudanças na intenção da lei, reduzir o uso de sacolas plásticas descartáveis, incentivar o uso de sacolas com ciclo mais longo de vida, sacolas reutilizáveis muitas e muitas vezes para o mesmo fim; reduzir o volume de sacolas plásticas depositadas em aterro, já que o plástico cria uma camada impermeável, que prejudica a decomposição dos materiais biologicamente degradáveis. Um parêntese aqui, muita gente acredita numa fala que não sei onde iniciou, de que essas sacolas verdes e cinzas são biodegradáveis. Elas não são biodegradáveis, a partir do momento que elas têm composição de matéria prima que não seja fóssil e se torna plástico, ela é plástico, se degrada como qualquer plástico. Vai demorar, dependendo da temperatura, do local que esteja, centenas de anos para se decompor, piorando ainda mais, se tornando o micro plástico, que hoje temos no nosso sangue, pulmão, afetando a saúde humana.

Reduzir o volume de sacolas plásticas depositadas em aterro, já que o plástico cria uma camada impermeável, como já havia lido. A quantidade de plástico que entra no mercado é infinitamente maior do que a reciclagem pode dar conta. E isso em qualquer país, até mesmo nos mais avançados nas questões ambientais. A reciclagem não dá conta e a impressão de que o mercado e a indústria nos dão com embalagens, com símbolo reciclável, ou da cor verde, ou de algumas maneiras de atrair o consumidor, que é um direito do comércio, é uma forma de divulgar o produto, acaba enganando as pessoas no fim da questão, porque não dão conta.

Em São Paulo, foram 11 milhões de toneladas de plástico produzido em todo o nível de plástico, não só de sacolas plásticas. Para terem uma ideia, não chegou a 2% a reciclagem, aí alguém pode falar: o que precisamos é que a Prefeitura faça a reciclagem, que a indústria faça a reciclagem. É impossível, o volume de produto que se coloca no mercado em contrapartida com a reciclagem. São vários pontos que temos de discutir, a compostagem, diminuir o resíduo que produzimos, nós mesmos compramos o resíduo sem ter noção. Então, quando colocamos o nosso resíduo para fora de casa, a maioria das pessoas, acredita que está resolvido. Ali começa o problema de todos nós. Então, precisamos ficar muito atentos com relação a isso.

No Brasil, em 2019, 11 milhões de toneladas de plásticos produzidos, 1.3 foi reciclado. É infinitamente pouco perto da produção. Reduzir, portanto, sempre foi a prioridade e continua sendo. São Paulo está alinhada com as ações globais de combate à crise climática, além de ter assinado o Compromisso Global da Nova Economia do Plástico e de adotar a Agenda 20/30, para o desenvolvimento sustentável. A Cidade também seguia pelo PlanClima, que vou até mostrar, um trabalho incrível feito pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Esse é um material que todos deveriam olhar, procurar. Tenho aqui alguns materiais para apresentar, com dados de estudo. Não são dados de opiniões, são dados profundos de estudo, de números quase que exatos, para que possamos ter uma mudança.

Esse Plano de Ação Climática estabelece metas para reutilizar as emissões de gases do efeito estufa e traça uma visão clara para um futuro mais verde, mais justo e que continue fazendo de São Paulo a Cidade das oportunidades. Já aqui temos o Plano de Metas assinado pelo Prefeito Ricardo Nunes, no período de 2021 a 2024, um planejamento seríssimo para os próximos anos da maior Cidade da América Latina. E temos de correr atrás dessas metas para que possamos ter uma qualidade de vida melhor para já e para as futuras gerações.

Essa é a versão final participativa elaborada juntamente com a sociedade civil, são 77 metas. Eu gostaria de citar a meta 69: reduzir em 600 mil toneladas a quantidade de resíduos enviados aos aterros até 2024. Nós já não vamos mais conseguir atingir essa meta. Nós temos um aterro na cidade de São Paulo, um único aterro, que tem um tempo de vida de quatro, cinco

anos no máximo. Nós vamos passar a exportar lixo para pequenas cidades no entorno de São Paulo. É o que vai acontecer se a gente não der um passinho para trás e mudar um pouco o hábito do conforto que a gente tem com algumas situações, incluindo essa das sacolas plásticas.

Para isso, há 10 iniciativas, como: implantar novos ecopontos, eliminar pontos viciados, implantar novos pátios de compostagem, integrar 5.000 catadores ao Programa de Melhoria de Zeladoria e de Limpeza, entre outros. E tem uma meta que eu quero destacar: regulamentar a lei específica que verse sobre o fornecimento de plásticos de uso único e promover campanhas de conscientização sobre o tema.

A gente não é contra ninguém. Nós estamos juntos. A Fundação Ellen MacArthur foi criada em função de uma viagem que Ellen MacArthur fez em volta do mundo num veleiro, sozinha. Ele descobriu que não existe jogar fora naquele veleiro, e eu falo sempre isso aonde eu vou: Nós estamos num veleiro. Nós estamos num veleiro. O planeta é um veleiro, não tem como jogar fora do planeta. O que a gente consegue jogar fora do planeta está criando lixo em outros planetas.

Então, a gente tem que rever a forma que a gente está utilizando esse planeta, este país e esta cidade, para conforto de todos nós. A gente precisa pensar muito sobre isso, muito mais profundamente. E aí eu volto à frase do meu primeiro projeto nesta Casa, há quatro anos, sobre os canudos plásticos: Não é só um canudinho, não é só uma sacolinha. Esse é o tema que puxa a gente para esse tipo de conversa.

A gente precisa abrir, escutar. A gente sabe da questão econômica, a gente sabe da questão dos empregos, a gente precisa gerar emprego, a indústria precisa crescer e desenvolver, mas com sustentabilidade. Então, a gente precisa mudar um pouco o nosso caminho e a gente tem tempo para isso.

Tem uma meta que quero destacar: regulamentar a lei específica que versa sobre o fornecimento de uso único, promover campanhas de conscientização sobre o tema. E o papel da lei também é esse: promover debates de conscientização. E cá estamos.

Nesta Casa, há 82 projetos de leis em tramitação que legislam sobre material

plástico, alguns bem mais audaciosos do que o PL que estamos propondo hoje. No Congresso Nacional, de 1995 a 2019, foram protocolados 135 projetos sobre o tema. Ou seja, não tem volta, isso não é um modismo, é uma emergência. Como eu já disse, já tem micro plástico no nosso pulmão, no nosso sangue. E se todos nós somos parte do problema, existe uma boa notícia: nós também somos parte da solução.

Nós temos cinco convidados que vão apresentar alguns estudos, algumas ponderações; e, depois, nós temos uma lista com mais de 20 pessoas que se inscreveram pelo *chat*, que se encerrou ontem, às 23h59, se eu não me engano. E aqui, presencialmente, qualquer pessoa pode pedir a palavra para poder falar nesse período.

A gente tem um problema com o tempo, como sempre, pois é muita gente para falar dentro de duas horas, então os convidados terão de cinco a oito minutos para falar, peço que todos sejam sucintos, não ajam como eu, que começo a falar de um assunto, vou para outro, falo para caramba. Então, eu peço que vocês não me usem como exemplo, para que dê tempo de todos que se inscreveram colocarem suas opiniões.

Eu gostaria de agradecer a presença pelo *chat* da nossa convidada Lara Iwanicki, Gerente da Campanha de Redução da Poluição Marinha por Plásticos, da ONG Oceana Brasil, responsável também pelo relatório *De um oceano livre de plástico*.

Gente, eu mostro sempre porque é um material de um estudo técnico, com dados concretos, feito no planeta; não são opiniões. Eu tenho muitas opiniões, sou uma pessoa que está cada dia aprendendo mais com os temas de proteção animal e de sustentabilidade. Mas quando se faz um estudo desse tamanho, dessa forma, é bem impactante.

Eu gostaria também de agradecer e chamar para compor a Mesa o Sr. Alex Luiz Pereira, Diretor Presidente da Federação Paulista de Cooperativas de Reciclagem. Seja bem-vindo e obrigado pela presença.

Também gostaria de agradecer a presença do Sr. Vinicius Rioli, empresário do ramo de bares e restaurantes, que também peço que componha a Mesa para colaborar com a nossa audiência. Gostaria também de agradecer a presença, pelo *chat*, do Sr. Marcelo Montenegro,

Coordenador de Programas e Projetos da Fundação Heinrich Böll no Brasil, na área de Justiça Socioambiental e coeditor do *Atlas do Plástico*, outro material que eu faço questão de mostrar para vocês, que são pesquisas, como já falei, muito importantes para que a gente se baseie no que está acontecendo no mundo.

A gente tem uma dificuldade enorme, o cidadão comum principalmente, de olhar o que está acontecendo no mundo; a gente olha muito para dentro de casa, para a sua vizinhança, para o seu dia a dia, mas a gente tem que olhar um pouco o que está acontecendo fora e tentar tirar exemplos bons.

Gostaria também de agradecer a presença e chamar para compor a Mesa o Professor Ricardo Guazelli Rosario, da Universidade Presbiteriana Mackenzie com foco em Direito Ambiental, Direito Minerário, Direito do Agronegócio e Sustentabilidade.

Vamos iniciar com a fala da Sra. Lara. Muito obrigado por ter vindo. Eu espero que a gente consiga transmitir sua apresentação de forma muito boa, porque sempre a gente tem um probleminha técnico e acaba sendo mais difícil.

A SRA. LARA IWANICKI – Obrigada, Xexéu. Boa tarde a todos. Eu queria agradecer o convite para participar desta 3ª audiência pública sobre este PL e cumprimentar os demais colegas da Mesa que estão inscritos para debatermos.

Rapidamente, para quem não conhece, a Oceana é a maior Organização Não Governamental que trabalha exclusivamente com a proteção dos oceanos, está no Brasil desde 2014 e eu sou gerente das campanhas de poluição por plástico, que tem como objetivo reduzir principalmente a redução de plástico de uso único.

Esse é um debate bastante importante. Eu vou até retomar um pouco da fala do Xexéu, porque acho que tem dois conceitos muito importantes que a gente precisa esclarecer nesta audiência, que é o conceito de reutilização e conceito de bioplásticos.

O PL 760, a gente já vem acompanhando desde que ele foi apresentado, e é um PL que se propõe a atualizar a Lei 15.374, colocando um segundo parágrafo que vai esclarecer o conceito de reutilização. Então, ele inclui que não serão consideradas reutilizáveis as sacolas

cuja destinação prevista após o transporte de mercadorias seja o acondicionamento de resíduos.

Sobre o conceito de reutilização, eu trouxe alguns exemplos do que a gente tem, a nível nacional. Então, eu tomo como base de destino europeia, nº 94/62, que vai falar sobre embalagens e produtos descartáveis e ela considera que o produto plástico de uso único, onde se inserem também as sacolas, é um produto que não foi feito, concebido, colocado no mercado, para fazer várias viagens ou rotações e ser reutilizado para o mesmo fim pelo qual ele foi concebido. Esse é o conceito de plástico de uso único.

E reutilização, por sua vez, é qualquer operação em que o produto é concebido para cumprir, durante o seu ciclo de vida, várias viagens ou várias rotações para ser utilizado para o mesmo fim.

A gente tem no Brasil a ABNT NBR 15792, que não fala especificamente sobre sacolas reutilizáveis, mas traz o conceito de embalagem reutilizável, que dá bastante consonância com o que a gente tem em termos de definição internacional. Então, esta ABNT vai dizer que a embalagem reutilizável é aquela que é utilizada na sua forma original, de novo, para o mesmo fim para o qual ela foi concebida e projetada para desempenhar um número mínimo de viagens ou rotações dentro do seu ciclo de vida.

Por que é importante a gente ter esclarecido esse conceito de reutilização? Porque os decretos que regulamentam a lei permitem que a sacola seja reutilizada, utilizando um conceito equivocado de reutilização, como a sacola que será usada depois pelo consumidor em casa para acomodar os seus resíduos sólidos. Isso não é conceito de reutilização. A sacola precisa ser reutilizada para o mesmo fim e diversas vezes para ser considerada reutilizável.

Então, quando a gente tem esse uso incorreto, essa transferência de uso da sacola, que era para ser de transferência de mercadorias e passa a ser utilizada para acondicionamento de resíduos, a gente está usando um conceito equivocado. Por isso, o PL faz uma correção bastante importante quando ele traz o conceito de reutilização.

O Decreto 55.827 e a Resolução 5515 da Amlurb permitem que as sacolas reutilizáveis sejam bioplásticas. Esse é um conceito que confunde muito o consumidor. O Xexéu

já falou um pouco sobre isso, mas eu queria reforçar esse conceito. Então, dentro da Resolução, permite-se que sejam utilizadas as sacolas bioplásticas como sacolas reutilizáveis trazendo essa composição mínima de 51% de matéria prima renovável.

É importante a gente ter em mente que bioplástico, na verdade, é o plástico que é fabricado parcialmente com origem renovável. Isso significa que a gente está alterando somente a origem do átomo de carbono da composição do plástico, que vai deixar de ser parcialmente de origem fóssil e terá uma composição combinada: origem fóssil com a origem que pode ser, por exemplo, a cana de açúcar. Essa é a única diferença.

Uma sacola plástica que é bioplástica tem o mesmo comportamento, o mesmo impacto no ambiente, do que uma sacola convencional. Então, o decreto e a resolução Amlurb permitem que a gente siga consumindo sacolas plásticas e não cumprem o objetivo final da lei, que era justamente reduzir o consumo de sacolas plásticas descartáveis. Então, a gente precisa fazer uma correção desses conceitos, ter isso bastante claro, para a gente, de fato, cumprir com o que era o objetivo final da legislação.

E essas sacolas continuam tendo o mesmo impacto como eu mencionei. É importante também ter em mente a quantidade de sacolas que a gente coloca no mercado e o impacto que isso tem tanto na área ambiental, quanto na parte socioeconômica. O Brasil produz 72 bilhões de sacolas plásticas por ano, é um volume que o nosso sistema de gestão de resíduos não consegue dar conta, é um volume muito grande que acaba no meio ambiente e gera seus impactos.

Esse é um painel dos resultados que foram obtidos dos mutirões de limpeza do Plano Nacional de Combate ao Lixo no Mar. São três anos de dados coletados, ele é um painel público e mostra a quantidade de itens que foram coletados nessas limpezas. Em destaque aqui, o plástico como um dos resíduos mais encontrados nas praias.

E quando a gente olha com um pouquinho mais de detalhe esse resultado, a gente vê que num Top 10 de itens que foram encontrados na composição de plásticos tem fragmentos, tampas de garrafas, mas também tem sacos e sacolas que compõem, no Brasil inteiro, esses

resíduos que são encontrados na praia. E não só na praia, eles são encontrados no mangue, no rio, e são encontrados também no fundo do mar.

Para entender um pouco desse impacto, a gente fez uma visita no Rio de Janeiro e foi documentar a poluição por plásticos e eu queria que você desse uma olhada nesse vídeo para saber do que a gente está falando.

- Exibição de vídeo.

A SRA. LARA IWANICKI – Esse vídeo foi feito no Rio de Janeiro e, na verdade, é um retrato daquilo que acontece no litoral inteiro do Brasil. Então, ainda que São Paulo não seja um município litorâneo, aquilo que a gente gera de resíduos acaba chegando no mar transportado por ventos, por rios e por toda a bacia hidrográfica. Então, a gente vai ter um impacto no ambiente marinho que, muitas vezes, a gente não enxerga.

Esse impacto não é só no ecossistema como um todo, e a gente vem falando bastante sobre isso, mas ele também traz impactos para quem sobrevive do mar. Esse segundo vídeo ilustra bastante isso.

- Exibição de vídeo.

A SRA. LARA IWANICKI – Esse foi um vídeo que circulou nas redes sociais. É uma pesca realizada no Rio Grande do Sul. Como vocês viram, os pescadores puxam a rede e ela vem totalmente emaranhada em sacola plástica. Então, esse é o resultado que produz aqueles 72 milhões de sacolas plásticas que são colocadas no sistema que o nosso sistema de gestão não dá conta, causando tanto o impacto no sistema marinho, como o impacto para quem queria tirar uma rede inteira cheia de peixe e acabou tirando uma rede cheia de sacolas plásticas.

Não é à toa que uma série de países no mundo já vem aprovando leis mais restritivas para o uso de sacolas plásticas, seja o banimento total do uso de sacolas plásticas ou proibições parciais e até a cobrança de sacolas plásticas na intenção de reduzir o consumo.

Então, tem uma série de países, e aqui não vou entrar no exemplo de cada um, mas a gente tem um destaque para os países da África, o Chile, a China, que é o maior produtor de plásticos do mundo, que também aprovou uma legislação para reduzir o uso e a produção de

sacolas descartáveis.

Nenhum desses países, sejam desenvolvidos ou subdesenvolvidos, com sugestão de resíduos mais ou menos avançadas, consegue dar conta de processar a quantidade de sacolas que entra no mercado. E isso é custo, no final das contas, para o sistema de gestão de resíduos sólidos. Portanto, a redução da produção vem como complemento ao sistema de gerenciamento de resíduos e, de fato, ela reduz o custo e o impacto no meio ambiente.

Só um destaque para a Austrália, que não está nesse mapa porque ela não tem uma lei nacional, mas eu achei interessante porque a Austrália tem leis estaduais e o governo de cada Estado tem um *site* específico que orienta tanto os comerciantes, quanto os consumidores, com relação às suas legislações estaduais.

Essas legislações foram construídas junto com o setor e com a população e cada um deles proíbe, em datas diferentes, o uso da sacola descartável; e eles trazem bastante orientação no sentido de o que está sendo banido, por que está sendo banido e o que a gente pode fazer.

Então, eu entendo que isso é papel do setor, é papel também do Governo, de orientar. Isso, sim, é educação ambiental. Não dá para a gente achar que educação ambiental é colocar sacola bioplástica no supermercado, pois no final das contas é trocar seis por meia dúzia. A gente precisa realmente orientar o consumidor a fazer uma transição para itens que são reutilizados.

E aqui são mais alguns exemplos das alternativas que cada comércio encontrou para substituir a sacola descartável e oferecer sacolas reutilizáveis. Esse é um dado que acho interessante: em um Estado, em seis meses de implementação dessa lei, eles conseguiram reduzir 1,5 bilhões de sacolas plásticas descartáveis circulando no mercado.

Isso também existe no Brasil. O Rio de Janeiro também aprovou uma lei que reduz o uso de sacolas descartáveis e conseguiu tirar de circulação 4 bilhões de sacolas plásticas. Isso também reduz a quantidade de resíduos e o impacto que isso teria posteriormente.

Em Brasília, também teve recentemente a aprovação de uma lei que proíbe sacolas plásticas no comércio. Essa lei está prevista para ser implementada a partir de 2022, com o apoio

também dos supermercados.

E isso aqui foi quando eu fui ao mercado, na semana passada, e tinha esse *banner*, uma ação do próprio sindicato dos supermercados, Fecomercio, que estão estimulando o consumidor a usar a sacola reutilizável. Isso também é exemplo de educação ambiental, porque é um ato que vai reduzir o consumo de sacolas descartáveis e realmente vai agir na fonte do problema.

Esse é meu último *slide*, para mostrar o apoio do Oceana ao PL 760 e dizer que São Paulo tem sempre avançado em legislações para reduzir a poluição por plástico e a gente vem também divulgando para que isso seja não só um movimento do Município, mas também uma iniciativa nacional, como outros países vêm fazendo pelo mundo.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pelo breve relato. Vocês devem ter muito material, a gente poderia até combinar de fazer outras reuniões fora de audiências públicas para a gente poder assimilar tanta informação.

Tem a palavra o Sr. Alex Luiz Pereira, que sei que não tem uma apresentação, porém, eu acho que as duas pessoas que estão na Mesa hoje têm uma vivência pessoal, tem o dia a dia da rua mesmo, do pé no chão.

O SR. ALEX LUIZ PEREIRA – Boa tarde a todos que estão participando presencialmente e virtualmente. Eu quero agradecer muito a oportunidade de ter voz de falar. As cooperativas de reciclagem que não eram ouvidas agora estão sendo ouvidas, e isso é muito importante. É muito bacana saber que a cidade de São Paulo nos dá voz.

Quero também cumprimentar todos em nome do nosso Presidente Jair do Amaral, que por força maior não pôde estar presente. Então, vim representá-lo como Diretor da Fepacoore. E para quem não é acostumado com cooperativas, eu represento uma cooperativa singular, a Coopermiti; e junto com outras cooperativas, inclusive a Crescer, do Jair, formamos uma federação, a Fepacoore – Federação Paulista de Cooperativas de Reciclagem, que são cooperativas que se unem por um objetivo comum. E essas federações também podem se unir

numa outra cooperativa de terceiro grau, que é uma confederação, como, por exemplo, a Conatrec, de que fazemos parte. É só um *en passant* do cooperativismo, o que no Brasil não é muito difundido, mas nada mais é do que unir esforços em busca de um objetivo comum.

Exclusivamente, especificamente, eu preciso tomar um certo cuidado para dizer o que vou dizer aqui, as sacolinhas plásticas, em termo de produção, para as cooperativas de reciclagem, não são um problema, porque mais ou menos 10% do volume total produzido nas nossas cooperativas são as sacolinhas plásticas, os polietilenos de baixa densidade, respondem por mais ou menos 20% do faturamento. Então, para as cooperativas de reciclagem, é um material interessante que gera trabalho e renda.

Isto posto, acho muito importante dizer que está muito claro que a maior parte não vai para as cooperativas de reciclagem. Significa que as sacolinhas não são problemas se forem corretamente destinadas. Então, eu diria que se fossem corretamente destinadas, em 100%, não seriam problema. Mas sabendo que não é 100% destinado, é só um pequeno percentual, é um desafio para todos nós.

O que eu posso dizer é que todas as cooperativas de reciclagem estão à disposição. Entendemos o nosso importante papel na sociedade de triar os recicláveis para a destinação, entendemos que o nosso papel de gerar trabalho e renda e fazer resgate de cidadania e inclusão social é muito importante, sabemos sim do nosso importante papel de mexer com o que todo mundo chama de “lixo”, que quase ninguém quer colocar a mão no que chamam de “lixo”.

Em nome das cooperativas de reciclagem, estamos à disposição. Ansiamos e sonhamos com o dia que nos respeitem como trabalhadores e como alguém digno da sociedade.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Não preciso falar da questão das cooperativas, que os catadores têm uma participação profunda e muito mais antiga do que a gente pensa, porque o Poder Executivo, o Poder Legislativo, a indústria, vieram muito depois do catador.

Eu lembro, na minha infância, do catador passando na porta da minha casa e vendo

o que ele tinha de produto para poder tentar reciclar, ou revender ou reutilizar. Então, eu costumo brincar que o catador é uma árvore, é uma economia circular ambulante, ele tenta regenerar tudo o que é produzida. Por isso, a importância da categoria dentro desse sistema.

Eu tenho alguns dados sobre a questão das sacolas plásticas e quando a gente fala das sacolas plásticas é do todo, não só as cinzas e verdes ou a branca, amarela, mas qualquer sacola que é distribuída. Hoje você vai à farmácia comprar um comprimido e eles te dão de presente uma sacola, você pode enfiar no bolso, mas eles já põem na sacola. É como quando você vai a algum lugar beber alguma coisa e já trazem o canudo para você, sendo que você pode tomar no copo, você não precisa do canudo. Enfim.

Por exemplo, para você juntar 1 kg de sacolas plásticas, que vale R\$ 0,50, eu vou mostrar para vocês o volume, que é para vocês terem uma ideia de como um catador sofre para juntar alguma coisa. Isso aqui gera R\$ 0,50, sendo que aqui não tem contaminação, são sacolas novas. Quando a gente fala em contaminação então, descarta muito do que é pego na rua, para que a gente possa reciclar.

Também brinco muito com a questão da lata de alumínio. Se você solta uma lata no chão, ela não cai no chão, passa um cara correndo e pega porque ela tem valor agregado na reciclagem, na venda do produto.

- Conversa fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Quando eu digo da sacola utilizada, ela acaba tendo um peso maior do que a nova, porque ela tem algum resíduo, ela não é lavada, limpa, quando você pega na rua. É como aquela coisa do papelão, que a gente vê o pessoal molhando o papelão para dar um pesinho a mais. É mais ou menos isso que eu quis dizer.

Se ela fosse, como ele disse, 100% colocada para reciclagem, sim. Mas como somente 1,3% de tudo o que é produzido vai para a reciclagem, não dá para a gente dizer que é muito bom produzir o plástico para que o catador possa pegar e vender para sustentar a família dele. A gente tem que pensar sempre no todo.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Sim.

Se o senhor quiser, depois, pedir a palavra para dar um alô para a gente, é importante. Obrigado.

Luiz, agradeço a sua fala e a sua vida, que é muito importante. Continuamos escutando todos, para que possamos ter um resultado melhor ainda.

Eu gostaria de agradecer a presença, novamente, do Vinícius Rioli, empresário do ramo de bares e restaurantes, a quem passo a palavra.

O SR. VINÍCIUS RIOLI – Boa tarde. Tudo bom?

Para mim é até meio estranho continuar falando sobre plástico em bares e restaurantes, já que fizemos já um papel importante em ser o primeiro signatário da ONU Meio Ambiente e Mares Limpos. E muito antes disso nós já não trabalhávamos com plástico de uso único em nenhuma cadeia do restaurante. Antes de existir uma lei do canudo, já era proibido nos restaurantes que eu trabalhei. Isso desde 2010, pelo menos. Lá, já propúnhamos a colocação de canudos compostáveis. No caso do último restaurante, era com macarrão. No anterior, era com haste do mamão, porque era fácil de substituir pelo canudo. E ainda assim hoje acho que a nossa maior procura é tentar fazer com que a diminuição no restaurante seja grande no uso único, não é nem mais a questão plástico, é a diminuição do lixo total gerado por um restaurante. Uso único, desde copos, talheres, toalhas, *sousplat* para os pratos, inclusive, reutilização de tudo que for possível. Então tentamos priorizar o uso contínuo, limpeza e esterilização dos alimentos e dos equipamentos para trabalhar.

No quesito sacola plástica, eu tenho hoje um restaurante que entrega também em mercearia. Então tem pequena parte de pães e produtos que as pessoas podem levar para casa. E obviamente usamos somente a sacola de papel, por ser biodegradável. Quando fazemos um evento grande, com muita demanda de copos, nós usamos copos compostáveis de mandioca. Quando precisa de qualquer solução para a diminuição de lixo desses produtos, nós utilizamos o de vidro mesmo, mesmo que gere uma limpeza maior. Se é possível, é o preferencial para todos os eventos.

Bom, eu fui gestor de um restaurante de gastronomia francesa por 13 anos que já inibia todo esse uso de plástico. Posteriormente, fiquei cinco anos com o Coletivo Pura, que era um restaurante que produz também evento zerando todos os usos únicos dentro da cadeia. E agora, na Fermentaria Jandira, nós tentamos criar uma situação em que consigamos diminuir ao máximo o lixo gerado pelo restaurante. Esse é o nosso principal objetivo atual.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Nós sabemos que é difícil. Pelo que ele estava contando para a gente, temos que ter criatividade e esses desafios no dia a dia para mudarmos essa situação. Não vai ser de uma hora para outra. Volto a dizer: a nossa intenção não é que amanhã as sacolas plásticas sejam proibidas, é preciso de um período de maturação para que as pessoas se acomodem, a indústria se acomode, o comércio se acomode, para que todos tenham um caminhar. Mas não podemos deixar de iniciar isso.

Se não tivéssemos proposto essa lei, nós estaríamos ainda utilizando a lei de 2011; e a grande maioria dos setores que usam sacola fora da lei. Então não teria sido melhor que a indústria e o comércio, vendo o que está acontecendo, porque notícia não falta, terem começado a mudar esse processo ao longo do tempo? Seria. Mas não aconteceu. Então, muitas vezes, temos que propor leis que acabam sendo um pouco mais rígidas nesse sentido para que possamos cutucar, mexer com as pessoas, para que as pessoas entendam que um córrego, quando enche e invade a casa das pessoas, tem a ver com o que usamos, com a bituca de cigarro que o cara que fuma joga no chão. São pequenos detalhes cujos pontos não ligamos.

Então é importantíssima a sua fala, porque sempre vamos nos deparar com as dificuldades. Quando você tira alguma coisa de um uso comum que temos e que está poluindo, criando problema, nós temos uma resistência à mudança. Ou é uma resistência econômica ou é uma resistência de comodidade, enfim, qualquer tipo de resistência. E temos que repensar como fazer isso.

Eu vi muita gente falar, na época dos canudos ou do *Água da Casa*, que aprovamos e se tornou lei, que empresas iriam quebrar, pessoas iriam perder empregos. Todo mundo se adaptou, está acontecendo gradativamente. Não são todos que cumprem a lei em todos os

aspectos, mas ela vai evoluindo e nós vamos criando uma consciência.

Agradeço, de novo, a presença. E eu queria agora chamar o Sr. Marcelo Montenegro, coordenador de programas da área de Justiça Socioambiental da Fundação Heinrich Böll no Brasil; e o Coeditor do *Atlas do Plástico*.

Antes disso eu só queria fazer a menção do Daniel, que é gerente de Cidades da Fundação Ellen MacArthur. Agradeço muito a sua presença. É importantíssimo o trabalho que vocês fazem no planeta, no mundo. E trazem para a cidade essa visão de que nada é lixo, tudo é resíduo. Nada se joga fora, só nos afastamos do produto, mas não jogamos fora, temos a sensação de que jogamos as coisas fora.

Eu gostaria de dar a palavra ao Sr. Marcelo Montenegro.

Muito obrigado, Marcelo, pela sua presença e a sua colaboração.

O SR. MARCELO MONTENEGRO – Muito obrigado, Vereador Xexéu.

Boa tarde a todas e a todos.

Agradeço o convite para participar desta reunião.

Eu vou só compartilhar a minha apresentação.

- Orador passa a se referir à apresentação compartilhada.

O SR. MARCELO MONTENEGRO – Primeiramente, para quem não conhece a Fundação Heinrich Böll, nós somos uma fundação política alemã. Nós trabalhamos no Brasil desde 2000, e sempre numa perspectiva de apoiar e fortalecer a sociedade civil e estimular um debate público a partir dos principais temas que se relacionam em diferentes questões, como a questão da justiça ambiental, que eu coordeno. E o tema do plástico vem nesse sentido.

Produzimos, em 2020, o *Atlas do Plástico*, um material que busca trazer esses dados e fatos, ser uma porta de entrada para esse debate.

E a ideia, nesta audiência, é poder apresentar os dados e as experiências, tanto do que nós presenciamos quanto de outras organizações e governos do país e de fora do país.

Então eu vou tentar ser sucinto. Tenho uns cinco, oito minutos. E isso é bom porque eu acredito que as falas anteriores – a do Xexéu, da Lara – também contribuíram bastante para

a questão da contextualização.

E aí quero iniciar só dizendo que há muito plástico no planeta.

Em números atualizados, até 2019, já temos produzido, de plástico, 10,1 bilhão de toneladas, com uma pequena parcela apenas reciclada. E só em termos de comparação, para colocarmos isso em dimensão: todos os animais e humanos juntos pesam em torno de 4 bilhões de toneladas. Então você vê que a quantidade de plástico mais que dobra, em termos de peso, se pensarmos em animais e humanos juntos. E a produção tem crescido de forma acelerada, principalmente a partir do ano 2000, sendo que mais da metade do plástico já produzido é só a partir dos anos 2000. E se nada for feito, a tendência ainda é continuar.

Na questão do plástico de uso único, o Brasil é o 18º país que mais gera resíduos de plásticos de uso único, algo em tornos de 2,8 milhões de toneladas, o que equivale a 13 quilos por pessoa.

E esses dados são importantes porque nos dão a dimensão de como estamos no mundo, nessa relação do plástico com o mundo.

Sobre os impactos, acho que já foi falado muito bem.

A Lara, antes, já apresentou os impactos no meio ambiente, principalmente para as pessoas que vivem nas encostas. E venho trazendo um dado que complementa o que ela apresentou: um estudo no sul do país estimou aumento da concentração de lixo em praias, que pode levar a uma perda anual entre 880 mil e 8,5 milhões de dólares por município, dependendo do turismo, dos grupos que necessitam da região. Então há um impacto econômico forte nessa questão do lixo.

Como o próprio Vereador Xexéu apresentou na fala inicial, a questão do microplástico é uma questão importante. As sacolas plásticas se degradam em quantidades cada vez menores, e chegando aos microplástico. Então há um impacto forte na saúde, com um potencial perigo físico, químico e biológico. O seu corpo estranha por ter aditivos químicos na sua composição, por poder agregar ou segurar bactérias, por exemplo, e isso traz impactos. E o corpo humano pode ingerir até 5 gramas de plástico por semana. Significa um cartão de crédito. Imaginem que

estamos consumindo basicamente um cartão de crédito em termos de quantidade por semana.

Vivemos a questão da quantidade de plástico. Vamos falar um pouco sobre a questão dos impactos. E agora focando um pouco na questão das sacolas, vou trazer as experiências e informações e trabalho que outras organizações, e a nossa, e outros governos têm trabalhado.

Nesse tema das sacolas reutilizáveis, quando falamos em definição de sacolas reutilizáveis, e isso já foi mencionado várias vezes, é importante que a sacola seja utilizada várias vezes. E para isso ela tem que ser resistente. Depois vou até falar um pouco sobre isso. E não só resistente e poder ser reutilizada diversas vezes para o mesmo fim, mas ela também deve ser lavável. Isso ajudaria muito, por exemplo, na questão de reduzir a contaminação com bactérias e também para você reutilizá-la.

Como a Lara já mencionou, e eu acho que eu nem vou entrar no assunto das sacolas bioplásticas, é preciso ter muito cuidado com a liberação e realmente o que significa isso. Acho que foi muito bem pontuado pelo Xexéu, na sua fala inicial. E também evitar o uso de metais pesados em quantidades tóxicas na sacola. Isso é uma coisa também muito importante.

Alguns exemplos de definição. Aqui tem dois.

No estado da Califórnia, em São Francisco, eles basicamente...

- Problema na exibição dos *slides*. Orador retoma a apresentação.

O SR. MARCELO MONTENEGRO – Eu falei sobre essa comparação entre o plástico e a questão do peso dos animais e humanos. Eu mencionei a questão da crescente curva de produção global do plástico. Eu acho que é importante ver que está crescendo cada vez mais, e com uma previsão de aumento ainda maior. Falei também dos valores, no Brasil, por pessoa, de plástico de uso único. Também a questão dos impactos da poluição por plástico e a questão do impacto econômico, nesse caso, o quanto isso pode gerar de perda para os municípios, principalmente aqueles que dependem do turismo, por questão de concentração de lixo na praia. Também a questão do impacto na saúde. Aqui tem alguns dados. Eu não entrei em todos, porque até já foi mencionado pelo Vereador e por outros essa questão do impacto dos microplásticos, mas é importante mencioná-los, porque a degradação de sacolas plásticas traz isso. E aí eu

entrei na questão das sacolas. Eu falei sobre quatro pontos. E vou falar sobre eles, então. Posso até passar, senão vou acabar perdendo mais tempo.

Nos exemplos de definições, eu coloquei duas, que são bastante similares, mas um pouco para ter ideia de como tem sido falado.

A sacola reutilizável sendo uma bolsa de algum tecido, pano ou outros tecidos, que seja lavável. Então essa questão de ser lavável é muito importante. E que seja durável. E uma espessura mínima que possibilite realmente essa reutilização múltipla, porque muitas vezes a sacola é tão fina que você não consegue reutilizá-la. E também já foi falado sobre dimensão, as normas.

Falando da questão dos usos de metais pesados, existe essa necessidade de se evitar metais pesados, principalmente o uso intencional de qualquer quantidade. E isso são organizações que têm contribuído e têm colocado esse ponto importante de proibir o uso intencional de quantidades, pelo menos, de chumbo, mercúrio, cádmio e cromo. Além disso, ter uma espessura mínima – 0,05, por exemplo, em vários locais; outros maiores –, que possibilite que essa sacola possa ser realmente reutilizável por várias vezes, não seja tão fina para que não acabe se rasgando.

E aí existem vários tipos de restrições que ocorrem em diversos governos. Existem basicamente três: a cobrança por sacolas de plástico, o banimento e um modelo híbrido, que combina banimento das sacolas plásticas de uso único com a cobrança sobre as sacolas reutilizáveis. Ele faz essa combinação.

Em termos de legislação, a Lara apresentou aquele mapa. E aí então quantificá-lo.

Temos cerca de 1.004 legislações sobre combate da poluição por plástico no mundo. Dessas, aproximadamente, 762 referentes a sacolas plásticas. E 127 países com legislações nacionais ou subnacionais que tratam dessa questão da sacola plástica, sendo que, destes, 91 tratam de algum tipo de banimento ou restrição. Isso é para dar uma ideia da dimensão.

O Vereador Xexéu mencionou muito bem quando falou que é um caminho sem volta. Você vê a quantidade de países que já estão a buscar. E aí há diferentes formas: algumas,

positivas, outras têm algumas lições. E aí eu queria trazer uma lição do Reino Unido.

O Reino Unido optou pela cobrança das sacolas plásticas desde 2015. E apesar de afirmarem que houve uma redução das sacolas plásticas, principalmente, as de uso único, as de supermercado, a realidade, segundo a ONG Planet Patrol, é que a venda de sacolas reutilizáveis disparara numa proporção quase igual da sacola plástica de uso único. Ou seja, houve apenas uma substituição do tipo de plástico, do tipo de sacola, e não uma redução, uma mudança de comportamento, que é o que se busca.

Aqui no Brasil eu não menciono, que isso já foi falado, a questão dos estados e municípios que já aprovaram legislações. São sete, mais ou Distrito Federal.

E aqui dois exemplos.

A Lara apresentou o exemplo do Rio de Janeiro, que culminou com esse banimento da sacola plástica e possibilitou, não é obrigatória, a cobrança por sacolas reutilizáveis. Eles mencionam a própria Associação dos Supermercados, que houve uma redução 4,3 bilhões de sacolas plásticas desde 2019.

O outro caso é o de São Gonçalo, que foi num caminho inverso. Tinha uma legislação similar à do Rio de Janeiro, e que mudou a legislação, proibindo a cobrança pelas sacolas reutilizáveis. E a Associação dos Supermercados mencionou que, como resultado, desde que foi aprovado, o consumo de sacolas plásticas no município aumentou 80%. Você vê que há um aumento maior quando somente se faz a cobrança pelas sacolas... Desculpa, quando se faz apenas o banimento, nessa combinação.

Por fim, dois pontos que eu gostaria de mencionar.

Um é sobre essa questão das sacolas plásticas e as comunidades mais pobres, as comunidades de baixa renda.

Temos que entender que há um impacto maior, negativo, na saúde e no meio ambiente, de forma desproporcional nessas comunidades. Temos a questão do acesso desigual, do racismo ambiental que ocorra, e isso cria um acesso desigual à coleta de lixo e ao saneamento básicos nessas comunidades. Então tem esse impacto negativo, que é importante e tem que ser

tratado; mas também olhar essa questão que foi mencionada em alguns momentos, que é a questão do que isso poderia gerar, banimento ou a cobrança, nessas comunidades.

Um exemplo, trazendo reflexões de outros países. Aliás, são três pontos.

O primeiro ponto é contra a questão da cobrança das sacolas. E sempre deixando claro que a cobrança visa incentivar as pessoas a trazerem as sacolas reutilizáveis. Precisa ter o cuidado para que a população que reside nessas comunidades e que ainda não possui essas sacolas plásticas reutilizáveis possa obter de forma gratuita.

Uma experiência dos Estados Unidos que tem sido feita é combinar essas políticas de banimento e cobrança com os beneficiários de programas de transferência de renda ou programas de acesso dessa parcela da população, que possa fazer com que ela tenha, durante um período, essas sacolas. Então, se facilita o acesso dessa população às sacolas e consegue fazer com que todos tenham o acesso e, também, possibilita que ela possa trazer a sua própria sacola e que isso possa se refletir.

O último ponto é sobre essa questão da sacola duplo plástica que menos impacta o meio ambiente. Isso é importante e, às vezes, é mencionado que há pesquisas sobre isso. Existem análises que mostram que essas avaliações, sem esse rigor científico necessário, trazem falsas percepções, e a Fundação Sufriders apontou um deles que eu coloquei aqui, pois em vários estudos há uma falta de clareza na metodologia, não se sabe exatamente como foi feita aquela análise para gerar aquela informação.

Em outros, eles só analisam observando o fim do ciclo da sacola plástica como se fosse o aterro ou a reciclagem, e a gente sabe que uma grande maioria, uma grande parcela acaba indo parar no meio ambiente trazendo impactos negativos muito fortes – esses não são considerados nesses estudos.

Além disso, por fim, vários estudos são bem contextuais de algum determinado país, por exemplo, Dinamarca, e, depois, são utilizados de forma geral, global, sem especificar, sem demonstrar que se trata de uma especificidade. Essa é uma questão complicada quando se quer aumentar em proporções um estudo efetivamente para aquela específica região.

Vou terminar dizendo que essa é a única solução real para acabar, porque o projeto vem contribuir para isso que é a ideia de produzir e consumir menos, fazer com que a gente mude o nosso comportamento e a nossa relação com o plástico.

Agradeço a participação e, caso precisem de qualquer coisa, os meus dados estão aí.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Obrigado, Marcelo, pela colaboração e por toda análise feita. Temos muito material para poder falar. Então, o tempo acaba ficando curto.

Eu queria passar a palavra ao Daniel, da Fundação Ellen MacArthur. Se ele quiser fazer uso da palavra, como está presente, eu acho importante. Pode usar o microfone, por favor.

O SR. DANIEL BERGER – Boa tarde. Bom, obrigado pela oportunidade da palavra. Estar aqui com vocês é muito importante não apenas representando a Fundação Ellen MacArthur, mas também como cidadão, consciente e pensando nas futuras gerações e na nossa própria geração presente.

Falando um pouco sobre o trabalho da Fundação Ellen MacArthur, fundada desde 2010. É visionária em economia circular, em que tenta juntar todos os elementos de conversar com empresas, entes públicos, academia, para criar soluções diferentes das atuais hoje no mundo, para que a gente consiga prosperar como um planeta mais próspero.

Esse projeto, como o Xexéu bem falou, está num veleiro e nada consegue sair desse veleiro. Ele é tudo o que a gente tem – Ellen MacArthur falava isso -, todos os recursos que tenho para dar minha volta ao mundo em 70 dias é tudo que eu tenho e tem que fazer durar e com eficiência. Preciso levar isso do começo ao fim, quando chegar, descarto isso do jeito que tem que ser descartado corretamente.

Um projeto desse de sacolas plásticas é muito importante na teoria que a economia circular projeta sobre o plástico pelo fato de se inibir o que eles chamam de *upstream*, eu não estou atacando o meu pós-consumo, quando o problema já foi gerado e tem consequências. Estou atacando o início da cadeia em que essas sacolas plásticas não são geradas, e nós, cidadãos, não temos mais nenhuma necessidade de nos responsabilizar por aquilo porque já foi

tratado antes da cadeia chegar em nós, consumidores finais, que temos inúmeros problemas para tratar e estar concentrados no nosso dia a dia.

Então, as palavras que foram ditas são de total apoio e suporte da Fundação que tenta, desde 2010, criar pactos globais de plástico e que tem mais de 250 signatários, inclusive, empresas que representam mais de 35% da produção de plástico mundial. A gente, sim, percebe uma geração e uma produção de plástico crescente. Só que essas empresas são signatárias e buscam e têm que reportar, anualmente, essa tentativa de reduzir o plástico. Para isso elas são signatárias.

E esses gestos são de inúmera importância e têm o total apoio da Fundação Ellen MacArthur que tem essa operação na América Latina.

Então, obrigado por me oferecerem este momento e por estar com vocês.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado, Daniel. Se quiser ficar com a gente, à mesa, fique à vontade. Mas, quando você fala no início da cadeia, isso é muito importante. A gente está tentando no mundo diminuir o uso de petróleo, combustível fóssil, matéria prima fóssil, porque é finito. Vai acabar, pode ser que não na nossa geração, mas vai acabar. Isso mexe muito com o planeta.

Podemos perceber na questão da motorização elétrica. Em São Paulo tem um trabalho junto a Câmara Municipal para buscarmos uma solução para o transporte público, a fim de que se torne, o mais rápido possível, elétrico para que não polua. Isso é uma tendência. Não adianta querermos segurar o tempo. Ele está passando; e se a gente, como ele disse, conseguisse mudar hábito na ponta, não precisaria estar aqui hoje discutindo isso.

Agradeço muito pela presença e obrigado pelas palavras.

Eu queria chamar para compor a Mesa o Professor Ricardo Rosario, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com foco no Direito Ambiental, Direito Minerário e Direito do Agronegócio e Sustentabilidade. Muito obrigado pela presença.

Vou pedir para o Professor Ricardo compor a Mesa, mas vou abrir a fala aos inscitos; se não, vamos ficaremos por muito tempo fazendo essa abertura. Vamos estender a audiência

um pouquinho para dar oportunidade para todos falarem.

Eu gostaria de chamar o Sr. Celso Alexandre Domene, participante de Bio-Tec LLC.

O SR. CELSO ALEXANDRE DOMENE – Boa tarde, obrigado pela oportunidade.

Tem algum ponto que eu coloquei da sessão: realmente, a sacola cinza não biodegrada; polímero comum tirado de fonte renovável; então, num exemplo de um polietileno... (Falha na transmissão) ...mesma cadeia polimérica, porém, de outra fonte. Então, o plástico foi criado justamente para que se tenha uma vida longa, uma preservação de alimentos etc. Então, realmente, essa cadeia fechada não vai ocorrer a ação de bactérias.

A troca das sacolas, no momento, eu vou dar um contraponto, onde a população vai ter que substituir por saco para resíduo. Então, a questão de impacto de peso em aterro vai acabar sendo semelhante.

A sacola - que é um problema que todos nós sabemos, eu sempre tive no comércio – foi criada como uma ajuda para eu entregar ao meu cliente para que tivesse como levar o que estava comprando para casa.

Uma vez que eu deixo de dar essa ajuda – vou dar uma consciência de compra para o meu cliente -, ele vai acabar consumindo menos. É claro que temos o foco na redução de consumo, mas temos, também, que olhar e achar um denominador comum para que isso também não gere um impacto na economia. Esse é outro ponto.

Vou falar de um estudo nosso – eu represento, no Brasil, a Bio-Tec – que é uma solução, pelo menos, para uma questão de resíduos plásticos, que atestadamente, comprovadamente, conseguimos ter a biodegradação de qualquer material plástico em aterro sanitário. Com isso, temos uma vida útil maior do aterro.

Falando em aterro, hoje foi mencionada a exportação do lixo para outros aterros, porque está todo mundo com aterro já no limite. Tem sido proposta em algumas cidades – isso é uma pauta para uma segunda conversa – a queima desses resíduos, e nós sabemos que com essa queima desenfreada, vamos transformar toda parte de resíduos em dioxina e furano. Isso é uma questão que tem sido promovida. Essa queima de energia, energia é espetar o carro na

tomada e trabalhar com carro elétrico. Existem soluções diferentes para essa mesma questão e para resolver esse problema.

Eu, basicamente, tinha pouca coisa para falar. Tenho acompanhado bem todas as questões. Estou no meio da indústria e estou no meio das questões biológicas, sempre trabalhei em prol do desenvolvimento ambiental. É sabido que a grande maioria, por erro no sistema, por falta de educação e saneamento, temos um escape de plástico muito grande indo parar no oceano. Isso cria uma sopa de fenóis que atrapalha toda uma cadeia de fitoplâncton e acaba impactando no meio marítimo por completo.

Só vou fazer uma observação: em relação a metais pesados. Precisamos ter uma ação eficaz contra qualquer tipo de sal metálico que promova a fragmentação de plástico. Esse é um ponto principal para que tenhamos a solução.

Uma última coisa: em relação à troca por papel. Sabemos que o papel vai impactar em cinco vezes mais peso no aterro sanitário. É sabido, também, que papel não biodegrada. Ele tem solubilidade.

Obrigado pela oportunidade. Estou à disposição.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela sua colaboração, Celso. Gostaria de chamar o Sr. Guilherme Rezende, da Apas, Associação Paulista de Supermercados.

O SR. THIAGO – Vereador.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Boa tarde.

O SR. THIAGO PIETROBON – É o Thiago que está falando. O Sr. Guilherme não pode estar presente. Sou Thiago Pietrobon, Biólogo da Assessoria Técnica do Comitê de Sustentabilidade da Apas.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Okay.

O SR. THIAGO PIETROBON – Bom, boa tarde a todos. Primeiramente, parabéns e obrigado por criarem essas pontes e essa oportunidade de termos acesso a tais informações, dados e pontos de vista.

Para me ater ao tempo, gostaria de colocar alguns pontos.

Todos trouxeram dados e preocupações legítimas quanto à questão das sacolas plásticas. Obviamente, para operação de supermercados, as sacolas têm um impacto bastante grande nessa relação entre o consumidor e o supermercado.

Eu não vejo como o PL 760 vai conseguir corrigir eventuais erros que possam existir nessa Lei 15.374, que está em vigor hoje, porque o simples banimento dela não significa que a lei passará a ser cumprida na íntegra, como tem sido citado por vários dos senhores. A lei que está vigente hoje traz, sim, bastante ganho e avanço. Quem cumpre essa lei vigente hoje pode observar e ainda tem 84,4% de redução do volume de sacolas plásticas distribuídas. Esse é um dado que, inclusive, fez parte do último livro de cases ambientais do Estado de São Paulo e que foi levado até a COP 26, produzido pela Cetesb. Então, teve toda uma revisão e um trabalho, o qual eu gostaria de compartilhar com todos que estão presentes, caso precisem desses números ou queiram avançar, porque é um estudo em que a gente vem trabalhando fortemente.

Outro ponto que eu queria colocar é que a legislação do Rio de Janeiro e do Distrito Federal que foram colocadas aqui trazem muito do que é a Lei 15.374. Trazem, sim, melhorias e adaptações. Eu me arrisco a dizer que, na verdade, elas trazem o que está na regulamentação para o corpo da lei, cobrindo aspecto sobre o consumidor, sobre o tempo necessário para essa adaptação na mudança, então, por quanto tempo ainda se distribuem algumas sacolas etc. e não acho que seja ruim esse resultado de 84,4% do volume. É um caminho importantíssimo para essa sensibilização e mobilização.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Pelo encerramento, por favor.

O SR. THIAGO PIETROBON – Claro.

Uma coisa que é importante é que essa solução se baseia tanto no meio ambiente quanto no consumidor; sem perder a ideia da cobrança para inibir o uso descabido ou não consciente dessas sacolas; a partir do momento em que se tem a cobrança do custo, e não de um valor que tenha lucro, só a transferência do custo, a gente tem, sim, uma ferramenta importante para combater o consumo não consciente das embalagens.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela colaboração.

Chamo, agora, o Sr. Mercedes Portabales Mosquera - desculpe-me se pronunciei o nome de forma errada – participante de Sincovaga, Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios do Estado de São Paulo. Está *on-line*? (Pausa) Peço que todos fiquem atentos para entrar na fala. Está sem som. Vou para o próximo e volto, se for o caso.

Sr. Rogério José Mani, Participante da Abief, Associação da Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis, por favor.

O SR. ROGÉRIO JOSÉ MANI – Boa tarde a todos os presentes e quem está nos assistindo. Obrigado, Vereador Xexéu, pela oportunidade.

A ideia, até pelo tempo, não é ficar debatendo assuntos mais técnicos, mas quero falar um pouquinho: a Abief representa a Indústria de Embalagens Plásticas flexíveis – e sacolas estão dentro da Abief – e tem 45 anos de existência.

O setor de plástico está comprometido, e nós não entendemos que somos um problema, sim, parte da solução, que fique claro. É importante.

Eu sinto falta do que está acontecendo aqui, a Lara falou, Montenegro falou, Ellen MacArthur está aqui. A indústria é muito pouco chamada para discutir e debater. Alguns dados e alguns números não são corretos. A gente tem esses números e não esconde nada. Até porque está aí, hoje a gente tem em todos os lugares, por entidades sérias como Ellen MacArthur e todos eles, mas o importante é abrir fóruns de discussão.

A gente entende que o plástico que é o mais novo dos sucedâneos teve uma jornada incrível, evoluções, inovações; estamos em questões médicas, hospitalares, levamos o homem à lua etc. O próprio veleiro da Ellen MacArthur também é composto de plástico etc. Mas o grande problema é a gente olhar a causa.

Duas coisas me chamara a atenção, sobre um número que o senhor comentou, de 11 milhões, não sei se foi de resíduos ou de plástico. No Brasil, a produção de plástico é de 6 milhões, por isso, 11 milhões é um número que precisa ser discutido. Sendo que desses 6

milhões, no mundo inteiro é assim, mais de 50% são plásticos duráveis. A métrica com que se faz das contas também é importante. Isso a gente precisa discutir bastante.

A questão da sacola plástica, por exemplo, me chamou a atenção num *slide* da Lara, coisa que eu não vejo isso em lugar nenhum. Tem um *banner*, creio que em um supermercado, dizendo para usar a sacola retornável etc., mas a gente não vê uma campanha de educação. Eu acho que todos nós desde a cadeia produtiva, os órgãos públicos etc. têm de trabalhar em cima da educação.

Ao comparar o Brasil com a Finlândia e com a Noruega fica muito difícil, porque o Brasil é um país de extensão continental, a cidade de São Paulo é gigantesca, portanto, resolver essas questões têm de ser como estamos fazendo aqui e agora.

São campanhas educativas a exemplo da campanha do Sugismundo, quem é mais antigo pode lembrar, porém nunca mais tivemos algo semelhante na mídia. Acho que a gente tem de voltar com isso, já que não adianta banir qualquer produto porque não vai resolver o problema.

O Montenegro também comentou ali do impacto nas pessoas de menor renda se você tirar a sacola. Você vai impactar sim economicamente, porque há a questão do acondicionamento do lixo. Também a questão de nomenclatura ou de conceito do que é retornável, a sacola pode não retornar para a mesma função. Apesar de a sacola contida na lei atual carregar 1.500 vezes o seu próprio peso, ela é reutilizada em outras condições, como nós vemos nas cooperativas e nos gestores de lixo, 90% dessas sacolas é acondicionamento de lixo.

Então a gente está dizendo o seguinte, bom, eu vou banir a sacola, vou ter um custo a mais para a população de baixa renda etc.

Vereador Xexéu, eu queria pedir para o senhor se pudesse e se for possível, pensar na criação de um comitê de estudo com todos os setores que estejam envolvidos para a gente tentar trabalhar nisso. Eu sempre digo que o banimento é a forma mais prática e rápida de não resolver o problema.

Fica o meu pedido de o senhor estender, aliás, eu o parabênico de dar a chance de

falamos, mas quero reforçar a ideia de que estamos todos juntos para resolver um problema e encontrar uma solução ideal para a cidade de São Paulo.

Fica o meu pedido. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela participação. Eu não quero fazer comentários em cada fala senão vai estender muito, mas em todos os nossos projetos sempre fizemos esse tipo de ação com audiências públicas, até em receber a indústria no gabinete para conversar, porque sabemos da necessidade de atender todos os pontos. Muito obrigado.

Tem a palavra a Sra. Mariana Natale Belato, participante de The Climate Reality Project, Hub São Paulo. Está presente? Vou continuar, peço que informe à assessoria caso retorne. A Sra. Mercedes, tem a palavra, por favor.

A SRA. MERCEDES PORTABALES MOSQUERA - Boa tarde a todos. Sou secretária do Sindicato do Comércio Varejista do Estado de São Paulo – Sincovaga. É um prazer estar com todos, ouvindo várias opiniões, pontos e dados.

Espero que, de alguma forma, eu possa colaborar com a minha opinião e com o parecer do Sincovaga nesse tema tão importante.

Sou empresária do varejo de alimentos, há 30 anos, de forma que posso falar um pouco sobre a sacola bioplástica, que hoje eu vejo como reutilizável, assim como o cliente também vê assim. Ele reutiliza tudo o que pode e o que tem, portanto de alguma forma pode ser reutilizada.

É uma sacola que está sendo utilizada agora, resultado de um amplo projeto elaborado com a sociedade. A gente não pode esquecer. Principalmente, para prover as empresas, os clientes com um menor impacto de poluição de plástico.

Ela teve e tem um objetivo muito importante. O uso da sacola bioplástica pode não ser o mundo ideal, mas é 51% de matéria prima renovável. É assim que o cliente e a sociedade enxergam.

O uso da sacola bioplástica se alinha com a solicitação da política nacional de

resíduos sólidos, foi um tema debatido pela Comissão do Meio Ambiente, de Política Urbana, com a presença da Prefeitura, de associações, do Procon e de várias outras entidades.

Ou seja, a utilização dessa sacola já trouxe mudanças de hábito do consumidor, isso a gente não pode negar. É o ideal? Não, não é o ideal. Talvez a bioplástica não seja o ideal, tenho certeza de que não é. Mas ainda é melhor do que a sacola plástica. Não podemos permitir que haja socialmente um retrocesso. Esta Casa não pode permitir isso.

O que vamos falar para o consumidor? A bioplástica não serve mais, agora serve o plástico. Como que a gente vai dialogar com o nosso consumidor? O que a gente vai falar? O que a gente vai discutir? Será que não estamos reforçando um retrocesso do ponto de vista social? Será que a gente não tem de olhar para a frente e discutir mudanças de hábitos, de rotinas nos comércios e nas nossas próprias casas, como já foi dito aqui?

A gente não pode negar que o plástico está presente na nossa vida em tudo, mas ele traz riscos. Isso é inegável. Então a gente deveria estar discutindo aqui, às vezes eu fico pensando, em fiscalização. Mas essa é uma medida que não existe. É hipocrisia falar que há fiscalização, porque não há. Não há campanha de educação ambiental nem nas escolas.

Quais são as campanhas educativas...

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Mercedes, peço pelo encerramento por causa do tempo, por favor.

A SRA. MERCEDES PORTABALES MOSQUERA - Então vou encerrar, dizendo que eu desejo que esta Casa em outras oportunidades possa discutir a substituição do plástico e de tantos outros materiais, que devem ter o seu consumo reduzido. Isso eu tenho certeza. Também discutir iniciativas sociais de menor impacto ambiental, social e de menor custo. Sacola plástica não dialoga com o Plano Municipal de Resíduos, não dialoga com a sociedade.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela sua presença e colaboração. Chamo o Sr. Juan Carlos Becerra Ligos, participante do Sincofarma-São Paulo.

O SR. JUAN CARLOS BECERRA LIGOS - Boa tarde, nobre Vereador. Agradeço a

oportunidade. Parabenizo pelo trabalho que vem sendo feito em prol do meio ambiente e da saúde da população.

Eu quero dizer que o Sincofarma representa farmácias e drogarias no Estado de São Paulo. São mais de 17 mil estabelecimentos, onde boa parte deles se concentra no Município de São Paulo. Também sou farmacêutico bioquímico e empresário do varejo farmacêutico, há mais de 30 anos.

Uma das minhas preocupações, principalmente, para os menores estabelecimentos, seria não criar um problema maior do hoje já temos. Lembro que quando essa lei saiu em 2011, nós tivemos dificuldades para encontrar essas sacolinhas verdes no prazo que deveriam ser feitas. Durante um tempo, tivemos de usar as sacolas brancas, pretas e de outras cores, porque ainda não estava disponível ainda a do bioplástico.

A questão é se nós temos hoje uma estrutura para atender a esses milhares de estabelecimentos do Município de São Paulo com uma alternativa que não gere uma ilegalidade ou um problema ainda maior do que o que já temos hoje? Esse é um questionamento, ok? Eu vi, por exemplo, a substituição da sacolinha de hoje, verde, que custa cinco ou oito centavos, por uma de papel, que custa, em média, 90 centavos. Será que isso também não poderia ser repassado para o consumidor, aumentando os preços dos produtos, lá, na ponta, por ter de atender a essa legislação, assim, tão rapidamente?

Eu não vou me alongar muito, porque a questão é a seguinte: nós achamos que isso exige um tempo maior de adequação. Eu acho que o próprio Município de São Paulo tem muita assimetria. Uma boa parte dos países da Europa são menores que o Estado de São Paulo e alguns até têm menos gente do que o Município de São Paulo. Então, atender a uma Avenida Paulista e atender a uma periferia são coisas diferentes. Precisamos ver se temos estrutura para isso e como engajar o consumidor.

Já que a Câmara faz leis, como fazer leis, por exemplo, que incentivem as empresas que usam outras sacolas reutilizáveis e tal? Que incentivem o consumidor a usar isso, dando benefício a essas empresas, que poderia ser transferido para o consumidor por meio de

programas: “Olhe, traga sua sacolinha e ganhe, sei lá, qualquer coisa, assim.” Como beneficiar fiscalmente, por meio de taxas e tal? Aí, eu estou pensando como empresário.

Eu acho que é isso. O que propomos é que haja um cronograma um pouco mais extenso, mais planejado, para que não se perca o controle, para que seja possível adequar a produção e, quem sabe, descobrir novos materiais, já que estamos avançando, tecnologicamente, a passos largos, hoje.

É isso, Vereador. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela presença e pela colaboração. Chamo, agora, a Sra. Letícia Matos. (Pausa) Está aí? Vou passar para o próximo. Se ela estiver aí, voltaremos a chamá-la. Então, chamo o Sr. Beni Adler, participante na Nobelpack. Está presente? (Pausa) Eu vou passando, então, a lista: a Sra. Luciana Moraes Costa, participante de Brasil Sem Frestas, está presente? (Pausa) Sra. Magaly Menezes, participante da Abiplast, Associação Brasileira da Indústria do Plástico?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Ah, por favor, é só pegar o microfone.

A SRA. MAGALY MENEZES – Boa tarde, Presidente. Boa tarde a todos. Primeiramente, agradeço a oportunidade, Presidente, e faço um adendo: há uma pessoa no *chat*, homônima a mim, que não sou eu. Por favor, que fique registrado, porque está sendo bem agressiva e eu prezo pelo respeito e pela conversa de uma forma amigável.

Eu venho aqui, em nome da Abiplast, Associação Brasileira da Indústria do Plástico, dizer que nós estamos preocupados, também, com a questão ambiental, com a questão social, com a questão econômica, mas a ambiental está na nossa fala e nos nossos trabalhos, durante todo o tempo.

No caso das sacolas plásticas, Presidente, não entendemos que o banimento seja a forma mais eficaz, porque o nosso grande problema, no Brasil, é a má gestão dos resíduos sólidos urbanos – ou dos resíduos sólidos, de uma forma geral. Então, nós precisamos trabalhar com a gestão desses resíduos. Temos trabalhado e desenvolvido alguns trabalhos, mas

sabemos que depende de todos. Precisa haver engajamento do Poder Público, da sociedade, das cooperativas, da indústria, todos trabalhando juntos, para que achemos, de fato, uma alternativa e soluções viáveis para todos.

Como o senhor mesmo disse, não existe lixo. Nós estamos todos no mesmo planeta. Tudo vai para qualquer lugar e qualquer lugar é o nosso mundo. Então, o que entendemos é que nós temos de trabalhar em dois pilares. O primeiro é o consumo consciente. Se não se falar em consumo consciente, ninguém aprende que não precisa descartar, seja a sacola plástica, seja o plástico, seja qualquer outro produto – consumo consciente de tudo. A outra vertente é: descarte adequado.

Hoje, entendemos que, do jeito que estão, na cidade de São Paulo, a sacolinha verde e a sacolinha cinza já deram o início de um trabalho de conscientização. Independentemente de serem reutilizáveis e estarem sendo utilizadas em um conceito certo ou não, todos os munícipes de São Paulo sabem que a verde é para reciclável e que a cinza é para orgânicos e rejeitos.

Então, é de campanhas de educação que nós precisamos. Precisamos trabalhar com a população, com todos, para que se diminua o descarte incorreto. “Ah, mas, tudo bem. Você está falando que lixo na verde é reciclável, mas a reciclagem é baixa.” Então, espere aí: vamos nos juntar, todos, como estamos fazendo, nesta primeira oportunidade. Em cinco ou 10 minutos, não dá para fazer, de fato, um trabalho, mas vamos começar um trabalho, aqui e agora, de um projeto que possa ser para aumentar a reciclagem, para dar mais condições para as cooperativas, para dar mais condições para o catador.

Assim, é compromisso da indústria, da cooperativa, do Poder Público, da sociedade, mas, se todo mundo não estiver com o mesmo intuito, cada um fica buscando soluções alternativas e soluções que veem o lado de cada um – e não dão uma solução. De fato, nós temos um problema. O problema da poluição plástica nos mares, da poluição em qualquer lugar, é um problema de todos nós, como sociedade, mas o que queremos é uma discussão que tenha um projeto a ser construído, porque só aqui, em uma fala, a fala se perde, o projeto anda e a solução talvez não seja boa para toda a sociedade.

Então, pedimos isso, Presidente. A Abiplast tem vários estudos. Se precisar que colaboremos, que estejamos aqui, para trazer dados, junto a todas essas falas que já foram feitas, que são muito importantes, estamos à disposição do senhor. Devemos ter implementação e regulamentação do que está sendo vendido, do que está sendo colocado no mercado. A regulamentação, os padrões, as normas técnicas sendo atendidas – tudo isso é muito importante. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Ok, muito obrigado pela colaboração. Chamo a Sra. Alexsandra Gonçalves, participante da EMEI Estrada do Corredor. Está *on-line*? (Pausa) Não. Então, vou passando, aqui, e vamos tentando adiantar. A Sra. Thayna Ribeiro Felix da Rocha está presente pelo *chat*? (Pausa) O Sr. Nelson Agostinho de Oliveira, participante do Sindicato dos Químicos de Guarulhos está presente. Obrigado.

O SR. NELSON AGOSTINHO DE OLIVEIRA – Boa tarde a todos e a todas. Talvez seja estranho, Vereador Xexéu Tripoli, Guarulhos estar presente. É que Guarulhos está bem próximo de São Paulo.

Aí, eu pergunto: por que a sacolinha plástica? Você vai ao supermercado e vê que a maioria é plástico. Agora, só a sacolinha é que vai afetar o planeta? Então, vamos tirar os pneus dos carros, deixar os carros sem pneu, porque o pneu, antes, era um problema sério para o meio ambiente e arrumaram a solução. Muitos pneus são moídos e são colocados no asfalto para pavimentar rua.

O colega falou da questão do restaurante. Você vai a um restaurante popular e não dá para aplicar a mesma política que você usa. Por que não incentivar o supermercado a fazer uma política reversa? Vamos colocar um contêiner dentro do Extra e do Carrefour. A cada quilo de sacolinha que a pessoa levar lá, terá um quilo de feijão ou de arroz. Eu duvido que essa sacolinha, Vereador Xexéu Tripoli, vá parar nos mares ou no esgoto.

O senhor é vereador, deve andar bastante pedindo voto por aí. Se abre uma tampa de bueiro, vê-se lá que tem poucas sacolinhas, tem tampas de garrafa PET, coisas que não são recicláveis. Por que não fazer uma política, essa Câmara que votou um projeto de lei, dando

incentivo aos catadores ter onde morar? Você passa aqui ao lado, está lá um monte de gente na rua, dormindo dentro de seus carrinhos que catam. Por que não implantar um carrinho decente para ele puxar, levar até a cooperativa? Não, está lá. Tudo errado.

Acho que dá para fazer uma política sem acabar com a sacolinha. Se você pegar aqui olha, tudo é plástico. Nessa mesa aqui, a grande maioria é plástico. Pega nos rios, nos córregos, está lá o colchão. Então vamos acabar com o colchão, vamos dormir sem colchão. É o colchão que o povo joga na rua.

Acredito que a gente tem de fazer uma discussão sim. Hoje são mais de 350 mil, no Brasil todo, que o setor plástico emprega. Vou falar só de Guarulhos, são mais de sete mil trabalhadores. Precisa fazer uma política para gerar emprego, gerar renda. O ser humano, o trabalhador não mora na rua porque quer. Ele não cata sacolinha, papel na rua por opção dele. É por falta de emprego. O projeto é legal, bacana, estamos preocupados com planeta? Estamos. Agora, só a sacolinha que afeta?

Nós, representantes do movimento sindical, estamos preocupados, sim, com a geração de emprego e renda, e preocupados com o meio ambiente. Por que não incentivar... Onde está o Procon? Deveria estar aqui para fiscalizar. Você vai ao mercado comprar uma garrafa de Coca-Cola, colocam lá três, quatro sacolinhas. Por que não usar uma sacolinha preparada, onde se possa fazer o reuso dela? Tem um companheiro da indústria de plástico aqui, os mercados querem comprar o quê? Quantidade, não qualidade. Onde está a ABNT para fiscalizar? Não tem. Agradeço o pessoal de Guarulhos, o companheiro.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) - Obrigado pela colaboração. Passo a palavra a Sra. Flávia Cunha. (Pausa) Ausente. Sra. Alexsandra Socorro Iahn Ricci, participante da Fecomercio-SP.

A SRA. ALEXSANDRA SOCORRO IAHN RICCI – Boa tarde, Vereador. Boa tarde a todos. Sou assessora do Conselho de Sustentabilidade da Federação do Comércio do Estado de São Paulo. Nós nos posicionamos contrariamente ao projeto de lei por considerar a evolução

do Decreto Regulamentador e da Resolução Amlurb que trouxe essa nova sacola em razão do seu caráter educativo. Por tudo que nós já temos falado até o momento, trata-se de um problema relacionado à educação ambiental. No próprio vídeo exibido dos plásticos nos mares, nos oceanos, mostra um copo de plástico de uma bebida. Então temos, realmente, vários resíduos de plásticos que devem ser destinados da forma adequada e não ao meio ambiente.

Somos contrários à distribuição de produtos de plásticos descartáveis, tanto foi assim com a Lei dos Canudos de plásticos e de itens de uso único. Somos favoráveis sim ao uso de sacolas retornáveis, de rafia, de tecido e de materiais reutilizáveis. Somos favoráveis à economia circular, por isso entendemos que a lei, como está agora, não promoverá efeitos positivos para os impactos ambientais que estamos tratando aqui.

Estamos à disposição para construir uma política pública eficaz no sentido de promover a educação e a conscientização ambiental da sociedade. Uma vez que a responsabilidade pelo descarte de resíduos pós-consumo está nas mãos do consumidor final, do consumidor doméstico. Dependemos dessas ações de educação ambiental. Não podemos ignorar os avanços conquistados. A evolução conquistada até hoje, em razão dessa sacola que temos, veio para educar a população e mostrar como é simples fazer a triagem dos seus resíduos em casa. A verde para os resíduos recicláveis, a cinza para os orgânicos diferenciados.

Na verdade, a gente entende que retirando a sacola bioplástica, muito embora ela seja melhor do que o plástico comum, o que terá de opção para população para condicionar mesmo os seus resíduos? Será o uso do saco plástico proveniente do petróleo.

Então entendemos que as melhorias não virão desse caminho. Banir a atual sacola plástica não é o caminho. Precisamos trabalhar em uma outra medida de melhorias, de conscientização ambiental. Fico à disposição.

Muito obrigada pela oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) - Muito obrigado pela colaboração. Com a palavra o Sr. João Carlos de Godoy Moreira, participantes da Abicom – Associação Brasileira de Biopolímeros Compostáveis e Compostagem.

O SR. JOÃO CARLOS DE GODOY MOREIRA - Boa tarde a todos. Agradeço, imensamente, o espaço concedido para a Abicom. A Abicom é uma associação de empresas voltadas a essa nova era do plástico relacionado ao fato de você dar ênfase nas fontes renováveis de matéria-prima, ou seja, temos que trocar os materiais plásticos por fontes renováveis de matéria-prima e também temos que ampliar suas possibilidades de recuperação pós-consumo.

A questão das sacolas de bioplástico compostáveis já são dotadas em muitos países e ela faz parte do sistema de coleta de resíduos orgânicos. Ela é adotada porque é a única maneira que nós temos de fazer, eficientemente, isso. No Brasil nós temos uma situação em que 50% dos resíduos urbanos são resíduos orgânicos compostáveis.

A Abicom trabalha toda a integração dessa cadeia até o correto fechamento do ciclo de vida dos bioplásticos. Os bioplásticos compostáveis fazem parte, são produzidos no ciclo biológico da economia circular, o mesmo ciclo que nós produzimos alimentos, que produzimos papel e celulose, materiais de construção, madeira. Os bioplásticos são obtidos dessa mesma fonte. E eles têm esse atributo de poder fechar o ciclo de vida, naturalmente de se biodegradar em sistemas biológicos. Então ele nasce no meio biológico, ele sequestra o carbono da planta, através da fotossíntese, a planta sequestra o carbono e, por sua vez, ela dá origem ao bioplástico. Quando esse material se biodegrada no sistema de compostagem, nesse meio biológico, o carbono é liberado, a água é liberada e o que sobra é o húmus, biomassa. O carbono que é liberado no sistema de compostagem, nesses meios biológicos, ele é o mesmo carbono que a planta usou para crescer, ou seja, estamos conseguindo produzir dentro do ciclo do carbono e ainda conseguimos revalorizar esse material através desses processos que são realizados por micro-organismos, por fungos e bactérias.

Por sua vez, ela é impulsionada, sim, em muitos países na sua adoção, sua venda, dos pontos de venda, mas há um papel enorme no varejo de possibilitar que as pessoas tenham o conhecimento desse material. E ele, perfeitamente, faz um *link* com a Resolução 55 da Amlurb. Porque hoje estamos deseducando a população colocando rejeitos, resíduos orgânicos junto

com rejeitos. Há necessidade que tenhamos, no mínimo, três frações: recicláveis, compostáveis e rejeitos. Só assim a população vai realmente conseguir até mesmo contribuir para que os processos de coleta seletiva sejam eficazes.

Então a sacola compostável precisa ser conhecida. São novos materiais, em termos, porque tudo isso já está no mercado europeu, americano, chinês há 15, 20 anos e cumprindo um papel fundamental para a gestão dos resíduos orgânicos, além de mitigar os impactos ambientais porque a sua produção tem uma quantidade de carbono, infinitamente, menor do que as dos derivados de petróleo.

Gostaria muito de pensar nessa possibilidade de mudar a Resolução 55, corrigir essa arte que mistura resíduos orgânicos compostáveis com rejeitos. Essa é aquela fração que falo que em nosso país é 50% dos resíduos gerados e com isso vamos ter uma possibilidade de ter um reciclado bem mais limpo. Também a indústria deverá tomar conta de que tudo que hoje é considerado rejeito possa virar material reciclável compostável.

Por último, eu reforço que esses materiais também são recicláveis, eles podem ser recicláveis, são materiais termoplásticos, eles têm utilidade em sacolas exemplarmente para essa evolução dos sistemas de gestões de resíduos humanos.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela colaboração. Chamamos o Sr. Diego SienRa Garcia; está presente? Sr. Bruno Bosso; Sr. David da Silva, participante da Karina Indústria e Comércio de Plásticos; Sra. Gisele Quiles Maccheronio, da Karina Indústria e Comércio de Plásticos Ltda.; Sr. Mário Eduardo Fray Rezende, participante de Casa Fray; Sra. Dandara Rodrigues; Sr. Vinícius Rioli, participante da Fermentaria Jandira; Luiz Carlos Araguês; Rayla Bernardes Chaves Pimenta, participante da Obioká; Adriana Maria Nery de Souza, Associação de Moradia Popular e Empreendedorismo.

Passo para as pessoas agora que se inscreveram presencialmente. Tem a palavra a Sra. Gisele Barbin, Gerente Comercial do Grupo Extrusa.

A SRA. GISELE BARBIN – Boa tarde a todos, boa tarde, Presidente, obrigada pela

oportunidade, eu gostaria de colocar aqui a prática, eu vi que foi colocado muito a questão teórica, que é muito importante e tudo que a gente deve procurar.

Eu gostaria de lembrar que nós temos o Decreto 11.044, recente, de 13 de abril, é um decreto federal em que fomenta a reciclagem, institui o certificado de crédito de reciclagem. Então, o Presidente que mostrou que o peso da sacola que não representa praticamente nada na renda, mas nós estamos com uma alteração efetiva da norma da sacola plástica, então a indústria está unida nesse propósito, porque a gente quer trazer uma solução, não queremos somente discutir a questão de empregos, que realmente podem ser perdidos, porque a indústria já perdeu um certo volume, somente com a venda da sacola. Realmente houve uma redução de consumo significativa e nós já perdemos tonelagem. Se houver o banimento, e como São Paulo é uma capital importante, outros municípios podem querer copiar, então, esse houver essa perda realmente nós teremos perdas de empregos.

Já fomentando a parte da reciclagem, além de a gente empoderar as cooperativas, porque elas passam a ter dupla renda, além delas comercializarem a apara, elas também vão comercializar o crédito de carbono. E a indústria já está preparada para produzir a sacola com pós consumo, porque hoje até garrafa PET é permitido, a Anvisa permite, tem um processo todo, então nós estamos preparados para colocar a apara pós consumo na sacola, e aí a gente fecha o ciclo e entra definitivamente na logística reversa.

Então, a indústria está toda unida nesse propósito para que possamos valorizar essa apara, valorizar a cooperativa, e, efetivamente, uma lei onde se vende sacolas, já se tem restrição de consumo, ela é totalmente preparada para separação do lixo. Então, nós podemos aproveitar isso, até a própria reportagem que saiu sobre essa Comissão, sobre essa audiência, já promoveu, já demonstrou lá numa das emissoras, a impressão da sacola, que pouco é divulgada. Vejo que a indústria está pronta para a prática e a cooperativa também para darmos valor a essa apara e aí, sim, o catador vai ter empolgação, vai ter a necessidade de coletar esses plásticos que vão ser valorizados, já que a indústria vai poder comprar.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – A única pessoa que falou em dois minutos, muito obrigado. Tem a palavra o Sr. Valdiran Nascimento, Secretário do Meio Ambiente do Partido Solidariedade.

O SR. VALDIRAN NASCIMENTO – Boa tarde a todos, represento aqui o Solidariedade, sou Secretário do Meio Ambiente. Todo mundo já falou muita coisa boa, mas existe uma tecnologia de gaseificação, criação de uma usina que transforma lixo em energia, inclusive está sendo feito um parecido o sistema, em Barueri, que vai processar 300 mil toneladas por ano, gerando energia para abastecer 250 mil casas, e o sistema já existe. Também se chama gaseificação, que diminui, não sai poluição, não é queima direto do lixo, do resíduo, é o sistema de gaseificação aquecimento a mil graus, mais ou menos, com a ausência de oxigênio gera um gás, esse gás é canalizado e alimenta o gerador, gera energia interligado com a concessionária. Está se finalizando uma usina em Boa Esperança, Minas Gerais, e há outras sendo feitas. Esse é um sistema muito bom que faz a eliminação do lixo diretamente com a gaseificação. E a outra parte é o reciclável.

Piracicaba recicla 85% do lixo, é uma cidade que tem 400 mil habitantes, recicla 85% do lixo e o aterro diminuiu, de 100% que ia para o lixo, virou 15%. O aterro diminuiu. Então, por que não aplicar essa política? Lá em Piracicaba funciona, aqui não? É o mesmo exemplo de Guarulhos. Então, precisamos fazer, além da conscientização da população para fazer a separação do lixo, a prefeitura fazer esse trabalho de criação de usina, de geração de energia através do lixo, cooperativas. Piracicaba recicla 85% do lixo, então 60% do lixo praticamente é reciclado e o resto é geração de energia direto, sem aterro. Tudo que entra na usina para geração de energia só 7% vira cinza, essas cinzas podem ser colocadas no aterro.

Então, acho que esse é o caminho.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela sua colaboração, foi o campeão de menos tempo. Valeu, obrigado, só de vocês estarem aqui, apesar de estarmos numa época ainda, vamos dizer, fim de pandemia, muita gente ainda fica doente, o pessoal estar vindo aqui é muito bacana, isso é muito importante.

Gostaria de chamar a senhora Lívia Kampf, Transições Ecológicas. Está presente?

A SRA. LÍVIA KAMPF – Estou presente. Estou vendo aqui a indústria plástica em peso defendendo seus interesses econômicos e esquecendo que estamos na década mais importante para fazermos uma mudança realmente em direção ao futuro socioecológico justo.

A única solução cabível dentro desse consenso científico de que só temos 10 anos para mudar a nossa forma de estar no mundo é banir sim a sacolas plásticas e banir com todas as forças que essa Casa puder fazer. Os interesses aqui que as pessoas... claro é uma audiência pública, tudo bem, todos precisam falar, mas esses interesses onde o bioplástico, que já foi banido aqui na Europa, na verdade, não é uma solução. A reciclagem de um material que pode ser reciclado apenas de duas ou três, no máximo quatro vezes, não é a solução. A culpabilização do consumidor, como se ele pudesse escolher entre diversos tipos e sacola plástica, não é a solução. Então, como geógrafa ativista socioambiental, o que espero que a Casa faça e que ocorra é o banimento de qualquer tipo de sacolinha plástica, porque essa é a melhor solução em relação ao futuro ecológico que nós todos precisamos construir. Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela sua fala e pela colaboração. Chamo agora o último inscrito, Sr. Laércio Pereira, da ONG Cidade Verde. Depois, passaremos a ouvir o Professor Ricardo.

O SR. LAÉRCIO PEREIRA – Boa tarde, Vereador, em nome de quem cumprimento todos os presentes. A primeira coisa, Xexéu, é que você amplia esse debate ao convocar todos os atores envolvidos nessa questão do plástico. Porque a questão aqui não são somente as sacolinhas; já foi falado que há um grande universo para se discutir. Então, que se traga o pessoal da Apas, o pessoal do supermercado, o pessoal das associações de plásticos, as indústrias de plásticos, o pessoal das cooperativas; aí, sim, vamos fazer um grande debate. E também o Poder Público, que tem também um papel importantíssimo nessa questão.

Precisamos rever um monte de questões: o modelo de aterros que existe hoje no Brasil; essa questão do plástico nos rios, córregos e mares, que é uma questão cultural. Infelizmente, nosso povo é mal-educado, mas o Poder Público também não dá condições para

que se destinem esses resíduos adequadamente. Então, precisamos estimular as cooperativas. Inclusive, quero conversar com o colega Luiz sobre a questão das cooperativas. Aí, Vereador, acho também que você também exerce um papel importante no sentido de cobrar do Prefeito o cumprimento da Política Nacional de Resíduos Sólidos, que é de 2010. Estamos em 2022, já se passaram 12 anos, e não se cumpre em detalhes a Política Nacional de Resíduos Sólidos; aí, as cooperativas têm papel importante.

Na questão do plástico, o volume, a densidade da sacolinha no universo do plástico, do resíduo orgânico, do resíduo úmido é tão pequeno que, realmente, precisa se abrir um grande debate.

Foi falado muito bem sobre a questão da fiscalização, e o Vereador e os nobres Colegas têm esse papel importante, de fazer a Prefeitura de São Paulo e o Governo do Estado cumprirem com as fiscalizações. Porque o Brasil é o país que mais tem leis no mundo, mas que não se cumprem.

Vamos fazer compostagem, vamos estimular a compostagem no Estado de São Paulo, no município de São Paulo, no Brasil *etc...*

Banem-se as sacolinhas e aumentam-se os sacos de lixo. O Vereador já pensou nisso? Então, esse debate cabem em 10 a 15 audiências públicas.

Quero fazer um apelo à Magali, ao Rogério e ao Sr. Chihab. Desde 2017, 2018, 2019, eu já venho rodando pela ABIPET, que é a Associação Brasileira da Indústria do PET, Plastivida, Abiplast, Sindiplast, Abihpec, Abief, querendo discutir a questão do pós-consumo. Porque enquanto vocês ficam falando em números, no fechamento do ano com número do pós-indústria, que é o resíduo “filé”, o pós-consumo está indo para os aterros, para os córregos, para os bueiros. Aí, vem essa abertura, de se criar leis querendo a proibição do plástico. Então, faço um apelo e gostaria de ter oportunidade de começar a fazer a discussão do pós-consumo. O problema do plástico nos córregos, nas enchentes e nos mares não é o plástico, não é a sacolinha, mas o pós-consumo, porque é um resíduo que não tem valor econômico; então, não se disputa esse resíduo, e aí ele vai para o córrego.

O Vereador falou sobre a latinha. Se você larga uma latinha, ela não chega a cair no chão, porque já tem muita gente querendo pegar. Porque quem conhece do mercado da reciclagem, sabe que o alumínio está valendo 9 reais o quilo. Enquanto isso, a Abief é o grande vilão das embalagens de pós-consumo, as BOPP, com as embalagens de salgadinhos, mas tem mercado, podemos discutir e eliminar essas embalagens de pós-consumo.

Para encerrar, vou pegar o gancho do Vereador novamente. Se você passar na rua, nos córregos por aí, realmente não verá uma latinha no chão. E se você vir uma latinha, após duas horas ela não estará lá. No entanto, na rua, na beira dos córregos, na entrada das galerias você vê sempre embalagens de salgadinhos, garrafinhas de leite, como a Shefa, porque elas não têm valor agregado.

Então, essa é a discussão que precisamos fazer aqui, e eu gostaria muito que todas essas entidades envolvidas chamassem essa discussão do pós-consumo. Com isso, tenho certeza de que se acabaria com essas provocativas de se eliminar o plástico. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela sua fala. Vou chamar o último inscrito, Sr. José Emídio Siveri, participante pelos empresários das aparas de plásticos.

O SR. JOSÉ EMÍDIO SIVERI – Boa tarde a todos. Sou um empreendedor, não estou aqui talvez representando uma entidade grande, mas acredito ser importante a minha opinião, por estar na linha de frente, no setor da reciclagem, pois mexo com sucateiros.

Quero trazer um pouco do que eu vivo para vocês, porque o banimento das sacolas plásticas creio que irá trazer um impacto muito negativo na questão da reciclagem. Se pensarmos na criação da sacola verde e da cinza, na configuração que ela se encontra hoje, trouxemos uma maneira justa e igualitária para que desde o mais pobre até o mais rico consiga fazer a separação de seu lixo. Se banirmos as sacolas plásticas, provavelmente o que vai ocorrer será o aumento do saco de lixo ou até do saco de papel, que talvez nem haja produção para isso. O lixo orgânico irá se misturar com o lixo reciclável e irá contaminar esse segundo, que é tão valioso.

Peço encarecidamente que vocês revejam essa questão, porque isso vai trazer um impacto para o setor do comércio, para vários setores, até para quem fabrica sacolinhas

plásticas, mas também impacto para o setor de reciclagem, para mim, que estou lá na ponta, com sucateiros, eu que literalmente sujo a minha mão com esse pessoal. Então, peço, Vereador Xexéu, que você analise e estude propostas; mas o banimento é muito prejudicial ao nosso setor. Deixo aqui minhas palavras e agradeço a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado. (Pausa) Você já falou.

(NÃO IDENTIFICADO) – (Manifestação longe do microfone) – É importante. *Startup*. Gostaria que vocês revisassem essa questão de ficar passando recurso para *startups*, que são só programas, projetos sazonais. A gente precisa discutir essa questão de ficar repassando dinheiro para as *startups*. Passa direto para as cooperativas. Acho que é importante isso.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Vou pedir para que você entre em contato, porque eu vejo que tem como se comunicar. Vocês estão aqui e é para isso que a gente fortalece a discussão, a conversa. Sempre vou falar aqui com muito amor no coração, na boa, porque a gente não faz isso para prejudicar ninguém nem a indústria quer prejudicar ninguém, nem os catadores, ninguém. Gente, volto a falar da Fundação Ellen MacArthur, que é um exemplo, um modelo. Estamos no veleiro, cara. Nós estamos em um veleiro. É prejudicial ao catador, que vai ter menos plástico? Sim, a gente sabe disso. Agora, o que está acontecendo com o plástico no Planeta é prejudicial a todas as famílias das pessoas que estão aqui, e a sacolinha não vai resolver o problema do plástico do mundo, não é isso. Mas se a gente não avançar ponto a ponto, como o nosso colega disse em algum momento – e já estou falando agora e deixar de falar no final -, “Ah, por que não as embalagens?” Óbvio. Você vai a um supermercado, tem uma pasta de dentes que tem quatro embalagens. Para que isso? Então, a gente tem que realmente fazer tudo, mas se a gente for propor, de uma vez, fazer isso, nada anda.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) - Não vendem fracionado. Há toda a questão comercial e industrial, mas se a gente for querer atingir vários pontos, de uma vez só... Senão eu teria feito a Lei dos Canudos, a lei dos plásticos de uso único, a lei água da casa e essa lei, juntando tudo. Você imagina a discussão que seria? A gente não aprovaria nada. A gente não

avançaria.

Então, é importante a gente ir passo a passo, até para não prejudicar o todo. E a intenção dessa conversa e dessa lei não é prejudicar, mas nós não podemos deixar as coisas do jeito que estão. Eu ouvi muitas falas aqui sobre sacolas e sobre a divisão de produtos. A sacola que vai para o aterro com o lixo, por ser uma lei, é uma lei ruim, na minha opinião, porque você está levando plástico para dentro do aterro, e ele não é bio. Quando a gente fala bio, o cidadão comum acha: “Ah, é bio. Então, é feito de produto natural.” Ele não tem o conceito. Concordo que tem de haver educação ambiental. Eu tenho feito um trabalho enorme com o Prefeito Ricardo Nunes, para que haja, na escola pública municipal, a partir do segundo semestre, um material paradidático sobre sustentabilidade e sobre proteção animal. A gente sabe da complexidade de todos os atores desse tema, agora a gente não consegue fazer tudo de uma vez. E se a gente falar: “Então, não vamos mexer na sacola plástica, porque não vamos mexer em tudo.” Aí você vai ver como o seu neto vai viver. Aliás, a gente está vendo muitas crianças, como minha filha, que tem 21 anos, que não querem ter filho, porque vai pôr, neste planeta e não se sabe o que vai acontecer. Olhem como nós estamos vivendo. É muito, muito louco o que a gente está vivendo. A gente precisa sentir um pouco na pele e no coração. Vai sentir no bolso? Vai. Vai ter problema? Vai. Nós estamos tendo problema. O problema está aí na nossa cara. Há gente morrendo por causa do plástico. Estou falando de uma ponta a outra. É um processo, mas a gente precisa falar dos animais. Eu nem toquei nesse assunto. Nós temos um continente de plástico boiando no oceano. O que nós vamos fazer? É essa a provocação. Nós precisamos fazer alguma coisa.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Se a gente for querer fazer esse sistema funcionar...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Eu entendo. Amigo, a gente já sabe que a reciclagem não é a solução. Nós não vamos deixar manter o número de produção de plástico

para atender a uma categoria, que seja pobre, rica ou média. Não é isso. A gente tem que atender ao todo e, ao todo, está trazendo problema para o próprio catador, que está puxando a sua carroça. Ele está ficando doente pelo plástico que ele está tomando. Então, é bem complexo o assunto. Não é tão simples assim.

Aqui, no gabinete, é superaberto, para que a gente possa...

Tem a palavra o Prof. Ricardo, para fazer a sua apresentação. Obrigado pela sua presença.

O SR. RICARDO GUAZELLI ROSARIO – Boa tarde. Eu que agradeço. Agradeço o convite do Presidente da mesa, Vereador Xexéu. Cumprimento a todos, em nome do Presidente da mesa. Para mim, é um prazer, uma honra poder estar nesta Casa Legislativa, podendo ouvir esse debate tão rico. Há vários setores. Falta isso no nosso País. Falta a academia estar junto também. Falta o Poder Público e falta o Ministério Público. Cadê eles aqui? Depois eles vêm com um monte de coisas para cima da gente. Acho que muitos de você já falaram sobre vários assuntos. Queria colocar algumas coisas acadêmicas.

Então, primeiro queria começar falar que é quase impensável o motivo de eu estar aqui hoje, numa sociedade onde a gente só fala sobre sustentabilidade e SG. A gente tem que falar de novo sobre uma lei de sacolas plásticas. Acho que a gente está um pouco ultrapassado.

Vou começar um pouco o histórico. O professor de Direito tem que ir para o histórico da lei. Então, a gente tem a Lei 15.374/2011, que rege a nossa utilização de sacolas plásticas na cidade de São Paulo e fala que fica proibida a distribuição gratuita ou venda de sacolas plásticas. Está lá na lei. Ninguém cumpre a lei. Certo? Está na lei. É literal. Diz ainda: “Poupe recursos naturais e use sacolas reutilizáveis.” Então, se a gente vai lá, na resolução da Amlurb, nenhuma sacola diz isso, nem a cinza nem a verde.” Quero que vocês me mostrem alguma que tem esses dizeres. Está na lei. E fala que o descumprimento vai seguir as sanções da lei de crimes ambientais, Lei 9.605/1998; e infelizmente não tem uma sanção taxativa para o uso de sacolas plásticas.

Depois o que a gente consegue nesta Cidade? O Decreto 55.827/2015. Esse decreto

consegue uma multa, mais ou menos, que a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente pode aplicar. Não sei se todo mundo se lembra. Varia de 50 a 500 reais - é talvez razoável - se algum comerciante é pego usando sacola inadequada; e a gente sabe que infelizmente muitos usam. Certo? E aí a gente vem para a resolução 55/2015, da Amlurb, que traz uma série de conceitos e define a sacolinha verde e a cinza, mas a gente não segue a lei. A lei fala que é proibido o uso de sacolas plásticas, qualquer plástico, não interessa se é bioplástico, oxibiodegradável. Na lei, está escrito. Não é isso pessoal? Então a gente tem que pensar. Uma sacola por um centavo? “Ah, mas é só um centavo no supermercado.” Quem está pagando isso, pela sacola fora de padrão? Empreendimentos? A gente precisa ser referência, não só se espelhar em países. Concordo. Não é preciso ir lá à Finlândia. Mas, em San Francisco, na Califórnia, o que há lá? Se aboliu a sacola plástica. Reduziram-se 72% do lixo da cidade. Será que é isso que a gente quer ou não? Na Europa, o que há lá? Não há sacola plástica. Há aquelas sacolas grandes. Se a gente não as leva ao supermercado, à farmácia ou ao comércio, a gente tem que comprar. Vinte euros. Multipliquem hoje vinte euros por sete. São mais de 120 reais. É isso que a gente quer? Eu concordo com vocês. É claro que a gente precisa, a nossa sociedade precisa de educação e precisa de campanhas de conscientização, mas a gente, o nosso povo brasileiro é totalmente adaptável. Na hora em que a gente precisou usar máscara, todo mundo usou. Na hora em que não houver mais sacolinhas plásticas, com certeza, a gente vai ter uma solução. E aí a gente fica pensando: “Mas a gente vai abolir a sacola plástica de uma hora para outra?” A lei é de 2011. Na semana que vem, vai fazer onze anos. Aí a gente fala do *vacatio legis*. Não sei se todo mundo se lembra. O que é isso? Quando a gente põe lei em vigor, às vezes, a gente dá um tempo para a sociedade se adaptar e para a indústria se adaptar. Será que onze anos não é tempo suficiente para a gente se adaptar a não precisar mais ter sacolas plásticas? Então, o que eu gosto de falar? No fundo, eu sou um professor e pesquisador do setor industrial, do setor comercial, totalmente a favor desses setores, mas a gente tem uma oportunidade. A gente tem um privilégio, privilégio. Do quê? De poder acabar com o uso de sacolas plásticas. É um privilégio. É nossa responsabilidade com as gerações de hoje e com as gerações futuras. O que a gente quer

deixar? A gente está aqui na mesa de tomadores de decisão. Para que a gente vai olhar todo mundo que participou aqui decidiu pelo quê? Por manter sacolas plástica ou por abolir? E aí nossos filhos e netos vão olhar para nós com que cara?

Hoje, as empresas estão voltando a colocar, nas embalagens, papel. Açúcar mesmo, voltou a ter açúcar em saco de papel. Por quê? Porque muitos dos consumidores, a maioria, tem essa pressão de não querer mais escolher as embalagens de plástico: “Eu quero isso para mim; essa é minha escolha”. Porque, para mim, eu falo na faculdade, é a melhor pressão que tem, não a pressão da lei, no fundo é triste estar aqui, hoje, ter de ter uma lei para proibir o uso de sacola plástica? Desculpa. Academicamente, juridicamente, nós deveríamos ser, a sociedade, aqueles que não querem mais usar.

Só que, pessoal, vamos ser sinceros. Esse momento é fantástico. É muito importante estarmos aqui, todo mundo junto, as empresas, as indústrias, os comerciários, os sindicatos. É uma oportunidade única para nós construirmos uma legislação de referência mundial! É isso que nós queremos. Quero me espelhar na cidade de São Paulo ou não? A cidade de São Paulo é referência. O Estado de São Paulo é referência. Todas as pesquisas, no mundo inteiro, vêm olhar São Paulo.

Então eu acho que, principalmente, Vereador Xexéu, podem contar comigo, com a Universidade Mackenzie para contribuir nesse debate e fazer a melhor legislação possível. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado, professor. Obrigado pela colaboração. É muito importante termos toda a cadeia, pessoas comuns que se inscreveram aqui.

Vejo na minha rede social que, de ontem para hoje, teve uma demanda grande de pessoas dando opinião contrária ao projeto, acho muito legal escutar. Quando tem algum tipo de ignorância, algum tipo de ofensa, aí eu não curto, mas acho legal, porque dá para entender de onde vem os comentários. Você lê textos feitos, preparados, então a gente entra no Instagram da pessoa, você percebe que ela não tem nada a ver com aquilo, mas está ali por algum motivo

que não é o do coração.

Mas, enfim, falar só mais um pouquinho, porque falamos muita coisa referente à substituição. Pessoal, não é esse o ponto. Não podemos substituir sacola plástica por papel, nós vamos continuar gerando resíduo. O que precisamos é diminuir o resíduo do que nós produzimos.

Vocês já pararam para pensar, dentro da casa de vocês, eu mesmo dentro da minha casa tomo esse cuidado todos os dias: de olhar o tamanho do problema que eu ponho para fora da minha casa? Eu falo tamanho, porque se você tem uma família de cinco ou seis pessoas o problema é ainda maior. Eu moro com a minha filha só, então, temos um problema um pouco menor, ainda assim insisto com ela e eu mesmo me cobro muito de tentar pôr a composteira, diminuir o que colocamos para fora como lixo. Também quando eu vou ao mercado, tentar diminuir o consumo, é um exemplo que eu sempre dou: não vou ao supermercado com fome. Vocês já foram ao supermercado com fome? Você vai gastar mais do que você tem, porque, como você está com fome, você come com os olhos, é o olho que tem fome e, daí, você vai pegando as coisas.

Eu almoço, como bem, depois vou ao supermercado, porque, então, só vou comprar o que eu preciso. E eu tento, por exemplo, eu tenho sacolas de lona e ando com elas, comprei essas sacolas, acho que paguei 12 ou 15 reais e isso faz cinco anos. Tenho seis sacolas que é um volume que, quando eu compro muita coisa, elas me atendem. Eu vou para dentro do mercado com elas, as coloco no carrinho, ponho todas as frutas naquela sacolinha, que não estamos falando delas ainda, aquela que tem um nome – não sei qual é – a das frutas, que também é um processo, é aquele rolo de plástico, daí ponho as frutas no meu carrinho, faço o peso e já acondiciono nessa sacola de lona, direto.

Tem jeito para tudo, não é questão de ser pobre, de ser rico, tem jeito. Vamos tentar jogar na mão de quem não tem condição essas sacolas de lona. Sacola de plástico reutilizável, lavável. Vamos tentar fazer algo que possa promover uma mudança dentro de um modelo que não afete tanto as pessoas.

Agora, já deixo claro, não vamos só pensar num setor, “Ah, vamos perder um milhão de pessoas”. Vou falar um número absurdo: um milhão de pessoas vão perder o emprego. Tem milhares de milhões de pessoas morrendo por causa disso! O nosso planeta mesmo! O oxigênio vem do mar, para quem ainda não entendeu. Vamos ficar sem ar! Quando faz 38º graus, aqui, no verão, ninguém deixa de reclamar: “Ah, não aguento mais. De onde vem esse calor?” É daí, gente! Precisamos ligar os pontos, mas, infelizmente, não estamos ligando.

Não queremos que ninguém sofra no seu emprego, no seu trabalho, diminua a renda, não é isso. Não estamos contra ninguém, mas precisamos criar um modelo diferente. Logo mais, em breve, vocês verão um documentário que eu apoiei e será lançado, chama-se Lixo Mutante. São várias pessoas dando seus depoimentos; catadores; pessoas da rua; pessoas que estão lá na ponta fazendo suas colocações. É um documentário de uma hora mais ou menos, que acho será muito importante todos verem. Queremos levá-lo para as escolas públicas, queremos desenvolver esse processo para que, quanto mais pessoas, atingirem esse ponto e entenderem que não é ser contra, não estamos brigando, não queremos ferrar com ninguém, só queremos melhorar um pouco o planeta.

O que estamos fazendo é, a respeito da sacola plástica, um grãozinho de areia dentro do universo do problema. É um grão de areia, mas se não avançarmos com um grão de areia, então, muito pior. O professor falou: são 11 anos. E, desculpe aqui, a indústria, os catadores, todo mundo, ninguém falou: “Poxa, vou fazer um movimento para que minha empresa tenha uma imagem institucional positiva, o planeta está mudando”. Ninguém. Todo mundo fica ali, na boa, quietinho, faz um movimento marqueteiro, usa embalagem mostrando para o cliente que aquilo foi reciclável, mas, quando sai da ponta de baixo para ser feita, ela já está poluindo. Não entendemos isso, porque, não é só no final dela, é desde o início.

Se nós não fizermos a Economia Circular funcionar na cidade de São Paulo, nós vamos morrer afogados em lixo. É isso.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Não. Pode, lógico.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. RICARDO GUAZELLI ROSARIO -- Não, lá, eles usam esse modelo Lona, como o Vereador Xexéu falou.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. RICARDO GUAZELLI ROSARIO – Não, não, toda a Europa é muito vago, mas a grande maioria.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. RICARDO GUAZELLI ROSARIO – Qual país não usa então? Que eu saiba todos.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Gente, eu agradeço a pergunta, agradeço o professor, mas é o seguinte: o Brasil não tem de copiar a Europa, o Brasil tem de ser muito melhor que a Europa. O Brasil tem de estar à frente da Europa, dos Estados Unidos, de qualquer país, banindo o lixo plástico de uso único.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Também. É isso. E outra coisa, amigo, sabe o que é aquilo que está sendo enterrado? É dinheiro. É grana. Está sendo enterrado. Todo tipo de resíduo pode ser reutilizado. É um processo complicado.

Pessoal, eu vou encerrar, porque já são quase quatro horas.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Sim, talvez o plástico de uso retornável, o plástico que fica no planeta. Como foi falado: “aqui tem plástico, ali tem plástico”, mas esse plástico vai durar alguns anos.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Não, claro, claro. Gente, muito obrigado pela presença de todos. Esse assunto ainda vai reverberar bastante, nós ainda vamos discutir muito sobre isso.

Quero sempre lembrar o seguinte: qualquer coisa que seja aprovada; se essa lei for aprovada, e que estou trabalhando para que isso aconteça, ela não vai ser aplicada no dia seguinte, nem no mês seguinte. O que eu peço é que a indústria que esteja nos acompanhando use esse período para criar soluções que não seja a produção de sacolas plásticas. Já teve um período, tem um tempo mesmo que estamos discutindo isso, desde o ano passado, pelo menos, aliás, desde 2011 e acho que poderíamos evoluir um pouco mais rápido, porque também nós não queremos dar um tempo grande demais para que isso continue acontecendo. É urgente.

Agradeço a participação dos convidados e dos inscritos.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a presente audiência.

Muito obrigado a todos e uma boa tarde.
